



A ARMADILHA MONTADA PELO BANCO CENTRAL

Campos Neto ignora a realidade e lança o país num caminho perigoso ao manter a Selic nas alturas. O Brasil continua a deter os juros reais mais altos do planeta. E é isso que vai sufocar a economia e manter o país submisso ao rentismo

focus
BRASIL

Fundação Perseu Abramo 27 de Março de 2023 Nº 88

De olho no povo: Lula relança o Mais Médicos e retoma o PAA

Teresa Leitão fala sobre os riscos do novo ensino médio

Cenário de turbulência e incerteza para a economia global

O encontro de Xi Jinping e Vladimir Putin em Moscou

O aniversário do Golpe de 1964. Lembranças do atraso



Está no ar a exposição virtual
**SÉRGIO BUARQUE DE
HOLANDA: 120 ANOS**

Acesse em fpabramo.org.br/CSBH

FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

focus
BRASIL

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice

Coordenador de Comunicação: David Silva Jr.

Produção: Oficina da Notícia

Editor-Chefe: Olímpio Cruz Neto

Colaboradores: Artur Araújo, Bia Abramo,
Fernanda Estima, Guto Alves, Isaías Dalle,
Nathalie Nascimento e Pedro Camarão



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Paulo Okamoto

Vice-presidenta: Vivian Farias

Diretoras: Elen Coutinho e Jéssica Italoema

Diretores: Alberto Cantalice, Artur Henrique da Silva
Santos, Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar,
Valter Pomar e Virgílio Guimarães

CONSELHO CURADOR

Conselheiros: Ana Maria de Carvalho Ademar,
Arthur Chioro, Arlete Sampaio, Azilton Viana, Camila Vieira
dos Santos, Celso Amorim, Dilson Peixoto, Eleonora
Menicucci, Eliane Aquino, Elisa Guaraná de Castro, Esther
Bemerguy de Albuquerque, Everaldo de Oliveira Andrade,
Fernando Pimentel, Fernando Ferro, Francisco José
Pinheiro, Iole Ilíada, José Roberto Paludo, Lais Abramo,
Luiza Borges Dulci, Maria Isolda Dantas de Moura,
Nabil Bonduki, Nilma Lino Gomes,
Paulo Gabriel Soledade Nacif, Penildon Silva Filho,
Sandra Maria Sales Fagundes, Sérgio Nobre,
Teresa Helena Gabrielli Barreto e Vladimir de Paula Brito

SETORIAIS

Coordenadores: Elisângela Araújo (Agrário),
Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia
e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves
das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França
Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas
(Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane
Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de Melo
(Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer), Janaína
Barbosa de Oliveira (LGBT), Anne Moura (Mulheres),
Nádia Garcia (Juventude) Nilto Ignacio Tatto (Meio
Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares
Mendonça Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência),
Eliane Aparecida da Cruz (Saúde) e
Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

CONTATOS

webmaster@fpabramo.org.br

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana
São Paulo (SP) - CEP 04117-091

Telefone: (11) 5571-4299 Fax: (11) 5573-3338

**CONTRIBUA COM A REVISTA
REVISTA RECONEXÃO PERIFERIAS**

Convidamos ativistas, coletivos e movimentos para contribuírem
com a Revista Reconexão Periferias de fevereiro.
O tema do mês será sobre as ruas, como espaços de disputa,
defesa da democracia e também alegria, nas festas populares
do carnaval. **Textos, artigos, fotos, ilustrações, poemas e toda
forma de expressão que possa estar consolidada na Revista
são bem vindos!**

Envie um e-mail para estudosperiferias@gmail.com para maiores informações.

SERÁ MUITO LEGAL TER A PARTICIPAÇÃO DE VOCÊS!

FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

REVISTA
RECONEXÃO
PERIFERIAS

**Curso
Emergência
Climática
e Trabalho**

**Curso
HISTÓRIA E POLÍTICA II**
A crise da democracia e o extremo direito no Brasil

INSCRIÇÕES ABERTAS ATÉ 26/3

Acesse: fpabramo.org.br

EDITORIAL

O GOLPE DE 1º DE ABRIL DE 1964

Alberto Cantalice

O Golpe de 1964, desencadeado pelas forças armadas e políticos conservadores, por obra do acaso, ocorreu no Dia da Mentira. Parecia de início para alguns que seria uma farsa passageira. Ledo engano. Durou 21 anos. Erguendo o “espantilhão” da ameaça comunista, as vivandeiras de quartéis naquele período sombrio, também encasteladas nas principais redações de jornais, rádios e TVs, bradavam aos quatro ventos que era preciso pôr abaixo o governo legítimo de João Goulart.

A tragédia que se seguiu, com cassações, aposentadorias compulsórias, prisões, exílios e mortes, já está por demais escrita e documentada. Como rescaldo tenebroso do

processo, resta a aparição dos corpos de dezenas de ativistas que, sequestrados e mortos pelo porão, não tiveram suas famílias a devida elucidação.

O golpe, que começou com a participação do conservadorismo brasileiro e da quinta-coluna subordinada aos interesses estrangeiros, transmudou-se em ditadura eminentemente militar com a edição do famigerado Ato Institucional Nº 5. Nada mais do que o golpe dentro do golpe, em 13 de dezembro de 1968.

Vindo de um círculo virtuoso no governo JK e da consagração de um plebiscito cujo resultado largamente majoritário dava ao governo João Goulart o apoio popular para as chamadas Reformas de Base, a

interrupção do governo em 1964 legou ao país o atraso institucional, econômico e financeiro que até o presente não se conseguiu superar.

O retorno dos golpistas à frente dos quartéis, quase 60 anos depois, é o reflexo mais cristalino do caráter autoritário e anti-povo produzido pelo golpe de triste memória.

A reconstrução do tecido social brasileiro pós golpe midiático-parlamentar de 2016 e da experiência trágica que foi o governo de ocupação do capitão Jair Bolsonaro exigirá das forças democráticas e progressistas um radical compromisso com a democracia.

Só a plena democratização da sociedade permitirá que os setores populares se organizem e exijam os direitos básicos de cidadania. A dolorosa experiência do autoritarismo deve sempre servir de espelho para que não se esqueça. Ditadura Nunca Mais!

O BANCO CENTRAL IGNORA A REALIDADE E MANTÉM OS JUROS NA LUA

Sabotagem armada pelo presidente do BC, Roberto Campos Neto, reduz as chances de a economia brasileira voltar a crescer sob o injustificado argumento de que a inflação está alta e as contas públicas seguem sem controle. Mas isso é uma falácia

Páginas 10 a 15

ENTREVISTA. Senadora Teresa Leitão defende revogação do NEM

Página 4

PESQUISA. Ipec mostra que o bolsonarismo perdeu tração com o governo Lula

Página 20

INTERNACIONAL. A ida de Lula à China e os novos rumos da aliança dos Brics

Páginas 25 a 35

OPINIÃO. Odair Cunha critica a manutenção da Selic em 13,75%. Perigo!

Página 16

ESCÂNDALO. Bolsonaro pode ficar inelegível por sugerir fraude sem provas

Página 22

GEOPOLÍTICA. Os EUA estão perdendo espaço no mundo para a China

Página 36

SOCIAL. Lula retoma o Programa de Aquisição de Alimentos em plena crise

Página 17

SEGURANÇA. R\$ 100 milhões para a segurança no Rio Grande do Norte

Página 23

HISTÓRIA. O discurso de Jango antevendo o Golpe de 1964, que mudou tudo

Páginas 36 a 41

SAÚDE. Governo refaz o Mais Médicos e vai contratar 15 mil profissionais

Página 19

CLIMA. ONU alerta que o mundo ficará quente mais rápido do que se imaginava

Página 25

MÚSICA. Os 25 anos da morte de Tim Maia e o novo doc sobre o U2

Páginas 42 a 44

“O NOVO ENSINO MÉDIO PRECISA SER REVOGADO JÁ”

Senadora em primeiro mandato, a professora e sindicalista pernambucana está numa luta no Congresso para promover o debate com a sociedade sobre o impacto da nova grade curricular imposta aos adolescentes no país. Criado ainda no governo Temer, o chamado novo ensino médio vai aprofundar a desigualdade no país e está fadado a produzir cidadãos sem senso crítico

Alberto Cantalice e Pedro Camarão

Projeto criado na gestão de Michel Temer, o Novo Ensino Médio é um dos assuntos mais polêmicos na educação brasileira. Já está em fase final de implantação, e ainda recebe muitas críticas de professores, estudantes e pesquisadores do setor.

A senadora Teresa Leitão (PT-PE), uma das críticas, aponta que o modelo só faz aumentar a desigualdade na educação brasileira. A revogação é urgente, afirma a senadora, mas defende

que o processo de revogação não seja afobado. “É preciso que ele seja substituído por outro e isso tem que ser feito com muito debate na sociedade”, recomenda.

Professora e sindicalista, a pernambucana eleita para o seu primeiro mandato como senadora também foi deputada estadual e federal. Ela é a primeira mulher eleita para o Senado no estado de Pernambuco. Nesta entrevista à **Focus Brasil**, ela diz que a luta política no Congresso está acirrada, uma vez que há muitos con-

servadores e o alto o número de bolsonaristas. Na sua avaliação, até mesmo o governo federal está em disputa. “A responsabilidade é muito grande”, afirma.

Teresa faz aqui críticas a participação de entidades privadas na gestão pública, que cresceu demais sob as gestões de Michel Temer e Jair Bolsonaro. Entre uma de suas sugestões para a árdua tarefa e reconstruir o Brasil está a reativação dos conselhos populares. Leia os principais trechos da entrevista a seguir:



Focus Brasil – Quais são as críticas da senhora ao chamado Novo Ensino Médio, modelo adotado pelo Michel Temer no pós-golpe?

Teresa Leitão – É bom que se registre que, assim que Michel Temer lançou esse modelo, a bancada do PT entrou com um decreto legislativo para suspender os efeitos daquela reforma. Minha primeira crítica é porque o modelo esvazia e aligeira a abordagem curricular do ensino médio na medida em que retira ou diminui disciplinas de um conteúdo mais amplo, de um con-

teúdo com capacidade de atuar de uma melhor forma no senso crítico do estudante, na formação para a cidadania, no preparo para o ensino superior. Por conta disso, o novo ensino interfere na formação dos professores, visando, em médio prazo, uma substituição da atividade docente por plataformas. No Paraná, já estão em curso plataformas de substituição. O professor tem um plano de aula encaixotado, fechado, completo. E caberá aos alunos preencherem as fichas através de plataformas e aplicativos.

Esse modelo introduz conhecimentos empíricos, é verdade, e conhecimentos que se agregam muito à visão de intersectorialidade curricular. Chega à beira da bizarrice a criatividade em torno desses conhecimentos. O ponto central desses chamados é a abordagem para estudantes se tornarem mais abertos a utilizar computação. Por exemplo, o nome da disciplina é este mesmo: Abertura Para a Computação e o Projeto de Vida.

A meu ver, 'projeto de vida' não é uma disciplina, mas um tema subjacente como eixo e fio condu-

tor de toda organização curricular. Mas eles dão como uma disciplina. E nesse 'projeto de vida' tem de tudo, desde "meu mundo pet" até a fazer brigadeiro, trabalhos manuais, coisas na linha de "reconhecer-se porque é pobre, só é pobre quem quer". Toda aquela atividade cultural que a gente recomenda que seja trabalhada na escola, que é um espaço de enriquecimento cultural, é trazida de forma esparsa e eventual, porque também é permitida a utilização de mestres de notório saber. Nada contra, desde que não tome o lugar dos professores e que venham agregar e não segregar.

Como se vê, não é uma educação para formar cidadãos dirigentes nem cidadania ativa que interfira criticamente na transformação da sociedade. E, ao diminuir toda essa carga curricular, isso interfere na Base Nacional Comum Curricular, que vinha sendo feita a partir de experiências e com o olhar de especialistas das áreas, trazido das universidades, da academia para você conjugar a academia com o chão da escola. Isso foi cortado. A comissão foi toda desfeita por Temer e a Base Nacional Comum Curricular também se esvazia.

– E o Enem corre risco?

– O Exame Nacional do Ensino Médio foi idealizado para a gente ter uma amplitude e, ao mesmo tempo, uma unidade nos currículos do Ensino Médio. O Enem trazia isso e buscava a igualdade entre a escola privada e a escola pública. Tudo o que o aluno da escola privada tem acesso, o aluno da escola pública tem o direito de ter. Inclusive, tem muita experiência exitosa na escola pública. Muita. E o que a gente quer é que isso se torne universalizado e não que esses alunos "bem-sucedidos" de escolas públicas sejam apenas destaque eventual porque passou em 1º lugar na USP e dar isso como exemplo do êxito de um de-

terminado modelo. Se o MEC não mexer imediatamente no Enem, o Enem vai ser sobre o Novo Ensino Médio, porque ele foi implantado gradativamente e esse é o último ano da implantação.

– **Vendeu-se o novo modelo como um avanço.**

– Há o que eu chamo de estelionato pedagógico: esse novo ensino médio promete aos estudantes que eles serão donos de seu próprio destino. Ele apresenta quatro itinerários formativos para o estudante escolher qual quer fazer

VEMOS UM ESTELIONATO PEDAGÓGICO: ESSE NOVO ENSINO MÉDIO PROMETE QUE OS ESTUDANTES SERÃO DONOS DO PRÓPRIO DESTINO. E É MENTIRA

e as escolas não são obrigadas a oferecer os quatro. Então, o estudante pode se frustrar na escolha ou fazer algum arremedo que o laboratório do Paraná, por exemplo, está fazendo. O que é que o laboratório do Paraná, o neoliberalismo do governador Ratinho Junior, está fazendo? São quatro bimestres. Ele está oferecendo em cada bimestre um itinerário ou trilha.

O aluno não se aprofunda, e não aprofundamento do conhecimento para que o estudante tenha

acesso. As aulas de física nesse mundo digitalizado são essenciais para você não ser um mero mecânico do uso da internet. E elas foram reduzidas. O pragmatismo que está na aula de Matemática, na aula de Língua Portuguesa é terrível, porque é para aprender a ler e a escrever. E a Literatura fica onde? A interpretação fica onde? Está tudo muito aligeirado. Não explorar o senso crítico dos estudantes da classe trabalhadora é tirar deles a capacidade de serem dirigentes, de serem donos e protagonistas da sociedade.

Entendo que a palavra de ordem, Revoga Já, está correta, mas entendo também que executar essa palavra de ordem não é imediato. Na condição de senadora, propus uma subcomissão temática no âmbito da Comissão de Educação para analisar no prazo de 180 dias o que está acontecendo Brasil a fora e levantar os referenciais para a gente elaborar uma proposta. Temos muita coisa consolidada no Plano Nacional de Educação e nas Conferências Populares de Educação, mas é preciso dar uma forma que esse Novo Ensino Médio não tem. O modelo anterior, o que estava em curso antes do golpe, já apontava para a necessidade de se avançar, tanto é que ele consta no Plano Nacional de Educação como alguns referenciais de avanço.

– **Estamos numa encruzilhada.**

– Para mim, é o grande desafio do MEC. Felizmente, o debate começou porque a palavra de ordem teve essa força, de botar isso até na boca do presidente Lula. É a última fase da educação básica. Nem todos os estudantes terão acesso ao ensino superior. Se o [ensino] básico não é universalizado, muito menos o superior. Mas nós temos que dotar essa criatura de todos os elementos possíveis para ela ter condição de domínio e de inserção na sociedade. E isso

é uma tarefa importante do ensino médio, que é a última fase da educação básica.

– A senhora tem visto boa vontade do ministro Camilo Santana e da equipe dele no MEC em fazer essa discussão?

– A equipe de Camilo, que junta a experiência dele como governador e de Izolda [Cela] como secretária de Educação, vai muito na direção de consolidar o modelo está em vigor, porque, além das questões de organização curricular, esse modelo também se baseia na meritocracia. A avaliação não é feita muito por mérito, na verdade são referenciais quantitativos. A gente precisa incluir referenciais qualitativos na análise do alcance do que eles chamam de metas, sobretudo em relação à democratização da gestão, à participação social, a envolvimento da comunidade. Eles vieram do Ceará com o êxito desse programa lá. Primeiro, em Sobral, depois, no Ceará, que apresenta resultados, mas a gente precisa ir mais longe. A gente precisa superar a apresentação do resultado para uma análise mais minuciosa do processo. Acho que a equipe toda já está bem consciente de que para o Brasil o modelo tem que ser diferente.

– Em linhas gerais, o que é o programa de governo?

– Nosso programa de governo é inclusivo, não é excludente. O ensino médio que está em vigor exclui. A gente está com uma quantidade de abandono escolar como nunca tivemos. A educação de jovens e adultos está se “adolescendo”: adolescentes estão agora saindo do ensino médio, porque não conseguem identidade e indo para a EJA para poder ter o diploma. Alguma coisa está errada. E os professores estão exaustos, porque onde eles davam duas aulas de Física, estão dando uma aula de Física e dez aulas de “projeto de

vida”, sem haver uma abordagem metodológica, epistemológica, de conteúdo. A escola é um lugar de troca de experiências? É. É lugar de você considerar a realidade da sua vida como conteúdo de diálogo com os conteúdos formais? É. Isso se chama contextualizar a aprendizagem. Mas tem certas coisas que a vida ensina se a escola for relacionada com a vida e não você fazer essas coisas assim, muito empacotadas, como se todos os estudantes fossem iguais. O ministro ficou sensibilizado, a equipe ficou tocada porque até Lula disse

O GOVERNO É INCLUSIVO, NÃO É EXCLUDENTE. E O ENSINO MÉDIO QUE ESTÁ EM VIGOR EXCLUI. HÁ MUITO DE ABANDONO ESCOLAR, COMO NUNCA TIVEMOS

que com esse ensino médio não vai dar resultado. Tem que mudar. O que mudar é o que o processo de debate vai indicar.

– Precisa mudar a legislação.

– Nós temos dito muito às pessoas: a gente tem que mudar a lei. Para revogar, você tem que botar outra coisa no lugar. Vamos revogar. O relatório da transição apontou nessa direção. O horizonte é a revogação. Agora, dentro de um processo de debate que conside-

re o nosso programa de governo e considere a revisão do Plano Nacional de Educação, que considere o extrato da equipe de transição que trabalhou isso muito bem e as expectativas dos estudantes, de professores e das organizações sociais.

– Se a senhora tivesse que estimar, esse processo levaria quanto tempo?

– Eu acho que no máximo, daqui até o meio do ano tem que estar concluído, inclusive com a legislação para ser alterada, pronta, porque isso tem a ver também com o ano letivo. O ministro está usando isso em sua defesa e é verdade, não pode interromper um ano letivo. A gente já vivenciou durante esses três anos dois quadros curriculares, duas matrizes curriculares, porque a implantação do ensino médio foi paulatina. Para você cortar, tem atribuição de aula em jogo, tem muita coisa, mas também não dá para retardar muito. E também seria interessante que fosse revisto o Enem deste ano.

– Houve um desmonte grave. Faltam recursos?

– Em todos os níveis, sobretudo no médio e no superior, assistência estudantil é uma coisa que precisa ser revista. Teve aumento das bolsas, mas tem a assistência mais cotidiana, que também precisa... Já existe um plano de assistência estudantil, acho que foi no governo Dilma, mas não executado. É um plano bem audacioso, mas para ser executado precisa de recursos. Pode até ser paulatino, mas a gente tem que ter esse plano de assistência estudantil. No ensino superior tem muita vaga para concurso em todo canto, no nível que pertence ao MEC, que são os institutos federais e as universidades. Na educação básica como um todo, o que Lula tem colocado e que nós colocamos também, é a ampliação da oferta da educação

integral, com um conceito que não seja simplesmente a ampliação do tempo. Isso é muito fácil de fazer, apenas ampliar a jornada. A jornada de 4h30 prevista pela LDB é o mínimo, aí se amplia a jornada para 7h. Se não tiver cuidado, acontece o que os estudantes daqui de Pernambuco chamavam por um tempo: isso é a pedagogia do confinamento. “A gente fica mais tempo na escola confinado e de manhã é português, matemática, história e de tarde é história, matemática, português”.

Então, tem que ter organização curricular também, que não seja apenas para a criança ter três refeições por dia, o que é salutar e importante. A merenda escolar, a alimentação escolar para determinadas camadas da sociedade é tão vital quanto um livro. Até porque barriga seca não dá sono, né? E saco vazio, não se põe em pé. Mas não pode ser só isso. Eu ouço muitos gestores dizendo isso. Hoje, um prefeito estava dizendo a mim: “Ah, eu dou três refeições por dia”. Ótimo. Aí você está alimentando o bucho. E a mente, você está alimentando como?

– Existem muitas críticas à participação de fundações privadas no sistema educacional como a Fundação Lemann e outras que interferem até na forma da atuação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Qual é sua opinião?

– Elas poderiam se suprir a si próprias, pois têm capital financeiro para isso, têm capital pedagógico, excelentes técnicos, fazem pesquisa, induzem posicionamentos de gestores porque por meio dessas pesquisas dão consultorias, mas querem um determinado modelo, o tradicional de atendimento às leis do mercado. O pacote das fundações privadas não vem só com o conhecimento, não vem só com aporte técnico. Vem também com plataformas digitais para serem

vendidas, de formação de professores para criar um certo perfil de professor, geralmente esvaziado de conteúdo político. Ele vem com livros, com plataforma de livros... De fato, é uma interferência privada no âmago da educação, quando a gente tem condição de ter a nossa educação, preconizada na lei, com participação social, que é o ideal para legitimar uma lei, e com os conselhos. No nosso governo tem conselho social para tudo. E Lula está reativando esses conselhos.

O CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO HOJE, NÃO É MAIS DE ESTADO. TEMER E BOLSONARO, TRANSFORMARAM-NO EM UM CONSELHO PRIVADO

O Conselho Nacional de Educação hoje, não é mais um conselho de Estado. [José] Mendonça [Filho], ministro da Educação de Temer, e Bolsonaro, transformaram-no em um conselho privado e de governo. As entidades públicas não participam. Isso significa irrigar o dinheiro público para essas fundações. E o que elas fazem com o dinheiro? O que Lehmann fez nas Lojas Americanas? A gente não precisa disso. A gente tem gestores com perspectiva pública e compromisso é que o dinhei-

ro público deve ser para o serviço público. Quando a gente não pode atender, a lei nos permite fazer concessões. A lei nos permite fazer delegações. Não precisamos dessas fundações, mas elas se organizaram num movimento chamado Todos pela Educação e esse movimento é cheio de ex-secretários de Educação que foram gestores públicos com perspectiva privada.

O sonho de consumo deles não é comprar a escola pública, “Ah, porque querem privatizar”. Privatizar no sentido das fundações é privatizar a gestão pública. Quando você privatiza a gestão pública, o interesse, o objetivo não é o direito. O interesse e é o negócio. E no negócio quem vale é quem chega primeiro. É feito uma oferta de supermercado. Eu ofereço, quem pegar, leva. Quem não pegar, sai. Vai esperar a próxima oferta. É assim que eles tratam a educação, não é como um direito, é como oferta. E qual é o método para isso? A meritocracia. São os famosos IDEB “da vida”. São os pontos que se dá, se você alcançar aqueles pontos, você é bom. Se você não alcançar, você tem que correr para alcançar, é porque você não sabe manusear bem o método. Então, são coisas que estrangulam o direito, porque não é para todos, é para quem conseguir através da meritocracia. Então, o sentido de que o público pode ser manipulado pelo privado, porque o público não sabe gerir e o privado sabe, já é um equívoco, inclusive de perspectiva. É por isso que eu acho que não é lugar. Agora, a gente vai deixar de dialogar com elas? Não.

Quem sabe a gente pode encomendar alguma coisa... A gente quer encomendar uma pesquisa, mas com o direcionamento nosso, do gestor público, da escola pública, dos professores concursados. Daqui a pouco não vai ter professor concursado, vai ser todo mun-

do PJ. Então, é um risco que está galopante. No governo Bolsonaro esse povo cresceu, cresceu muito. Deixou-se de se fazer concurso, é contrato temporário em muitas gestões. Eles dizem que o piso não pode ser implantado do jeito que está. Agora, eles têm aporte técnico muito bom. O Todos pela Educação, você lê um artigo que eles escrevem sempre no jornal, buscando opinião e assim, são comprometidos com a educação, são comprometidos. Agora, por que eles não querem implantar esse modelo ou oferecer seus serviços ao mundo de entidades privadas que tem por aí? Eles fazem conglomerados de educação. Eles fazem de educação privada também. Então, se virem para lá, deixem a educação pública seguir o que ela tem para seguir, o Plano Nacional de Educação, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, os Conselhos de Participação Social. É isso que eu acho.

– **A senhora é mulher, nordestina, professora, petista e lulista...**

– E sindicalista.

– **E sindicalista. O país estava numa situação meio depressiva com o Bolsonaro. Como recebeu a vitória do Lula?**

– Eu me sinto plenamente realizada. Individualmente, porque a minha história, mesmo sem Lula me conhecer, é muito paralela a de Lula. Na greve de 1979, foi uma greve histórica em plena ditadura militar. O Lula estava lá, liderando os metalúrgicos. Eu era uma professora anônima, não era liderança sindical, mas participei aqui da greve de 1979 dos professores. Foi tão forte que aqui deu uma demissão do presidente da associação, o Paulo Rubens Santiago dispensado por Marco Maciel, que depois foi vice-presidente da República. Depois veio a Constituição, veio o direito de sindicalização, me tornei dirigente sindical.

Em 2002, depois de três tentativas, Lula se elegeu presidente e eu me elegi na primeira tentativa. Foi Lula presidente e Tereza, deputada estadual. Tive e cinco mandatos de deputada estadual. Aí, meu primeiro movimento foi não ser candidata a nada. O meu grupo político disse “não, você vai, ainda tem muito fôlego”. Eu digo “estou cansada”. “Tá nada. Olhe pra Lula, olhe pra cima”. Então, me tornei deputada federal e por conta das conjunções aqui do PT, terminei como senadora.

E quando vocês aí do Sul e do

NOS GOVERNO TEMER E BOLSONARO, OS CONGLOMERADOS DE EDUCAÇÃO CRESCERAM MUITO E GANHARAM MAIS INFLUÊNCIA POLÍTICA

Sudeste falam assim “eu quero agradecer o Nordeste, o Nordeste salvou o país”. É muito bom para a gente que somos uma região populacionalmente menor do que vocês, uma região muito sofrida, que vem com o desenvolvimento mais lento, a industrialização mais lenta, mas que de fato é uma região que vem se politizando a cada eleição. É onde estão hoje os quatro governadores do PT. A bancada de senadores também tem muitos nordestinos. Para nós

é motivo de muita responsabilidade e de orgulho também, porque Lula é nosso conterrâneo. Ele saiu daqui muito cedo, mas saiu marcado o suficiente para saber o que é o Nordeste. Saiu menino, mas cheio de experiências. E que a mãe dele nunca deixou que esse cordão umbilical se cortasse totalmente. Lula é, de fato, uma alma nordestina.

Ser sindicalista, ser mulher no governo de Lula é forte. A gente vê o maior contingente de mulheres ministras, políticas intersetorializadas em todos os ministérios. Há o respeito ao direito das mulheres. Vir do chão da escola, como eu vim e hoje estar no Salão Azul dentro desse projeto, tudo isso é um orgulho grande. Eu fui a única senadora do PT eleita. Hoje, temos duas, porque a suplente de Camilo é uma mulher. A responsabilidade, não só de ter uma postura correta como senadora, mas de integrar o governo de reconstrução em um cenário de um Congresso muito conservador e muito bolsonarista é muito grande.

A gente ganhou de Bolsonaro, mas a gente não varreu o bolsonarismo do país. O esforço para varrer o bolsonarismo tem que ser várias mãos. Onde a gente estiver, a gente tem que enfrentar esta herança maldita para poder reconstruir. Construir não é tão difícil quanto reconstruir. Reconstruir é muito mais difícil porque você tem que refazer a destruição e você reconstruir com novos patamares. Este é um governo em disputa interna, porque é muito amplo. A gente disputa com o Centrão, mas a gente tem que disputar a sociedade. A gente tem que disputar a sociedade em quatro anos para preparar a nossa continuidade. É um desafio, mas é muito instigante, muito apaixonante. E vamos, como eu disse na campanha, é muito sebo nas canelas para a gente dar contas disso tudo. •



SABOTAGEM DO BANCO CENTRAL

Para justificar sua independência do governo, Roberto Campos Neto leva o país ao precipício, mantendo os juros em um patamar injustificável: 13,75%. Brasil tem a taxa real mais alta do mundo. Lula critica: “Ele precisa cuidar da política monetária, mas precisa cuidar do emprego, da inflação e da renda do povo”, disse

O governo Bolsonaro acabou em 31 de dezembro de 2022, mas o ex-presidente deixou um cavalo de tróia armado em Brasília contra o sucessor: o economista Roberto Campos Neto, indicado pelo inesquecível Paulo Guedes, que levou ao país 33 milhões de brasileiros com fome e nada menos que 15 milhões de desempregados, além de assegurar o país no ranking das nações mais desiguais do planeta.

E Campos Neto mostrou que segue a orientação do Chicago boy-mor. Na reunião do Comitê de Política Monetária, realizado na terça-feira, 22, o presidente do Banco Central mostrou-se

indiferente à realidade. Reiterou que não tem compromisso com o país ao conseguir o aval do Copom – por unanimidade – para manter os juros básicos da economia brasileira, a Selic, em inacreditáveis 13,75. Assim, o Brasil continua a ser o país com a maior taxa de juros do mundo, o que é injustificável dado o nível de contração da economia nacional.

O fato é que a decisão coloca o Banco Central como um empecilho para o projeto de crescimento inclusivo do país que foi escolhido nas urnas, em outubro de 2022. Sem uma inflação de demanda, o Banco Central se mostra alienado e nem consegue convencer o país de um suposto “temor inflacionário”. A alegação

de que o país pode enfrentar um risco fiscal é uma clara afronta ao governo do presidente Lula.

“Ele nem precisa conversar comigo, só tem que cumprir a lei que estabeleceu a autonomia do Banco Central”, disse Lula, em visita ao Complexo Naval de Itaguaí, no Rio de Janeiro. “Ele precisa cuidar da política monetária, mas precisa cuidar do emprego, da inflação e da renda do povo”, afirmou Lula. “É isso o que está na lei, basta ler. Todo mundo sabe que ele não está fazendo, porque se estivesse fazendo, eu não estava reclamando. Eu sou bobo de reclamar de uma coisa boa?”

Lula se mostrou surpreso com o recado duro do Banco Cen-

tral, que desdenhou os esforços do ministro da Fazenda. Fernando Haddad vem anunciando a criação de uma nova política fiscal. Ele disse que Campos Neto terá de enfrentar a posteridade. “Como presidente da República, eu não posso ficar discutindo cada relatório do Copom. Eles que paguem o preço pelo que estão fazendo. A história julgará cada um de nós”, advertiu.

O ministro-chefe da Casa Civil, Rui Costa, disse que a indiferença do xerife monetário mostra o afastamento dos seus diretores da realidade. “Essa insensibilidade do Banco Central só aumenta o desemprego e o sofrimento do povo brasileiro, não dá para compreender”, espantou-se o ministro.

Ele lembrou que a decisão de subir os juros a 13,75% foi adotada quando a inflação batia a casa dos dois dígitos. “Hoje, está na metade, a inflação está com 5%. Como é que sem mantém a mesma dosagem do medicamento, a dose amarga do remédio, quando a inflação já caiu pela metade?”, questionou Rui Costa.

O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, classificou como “muito preocupante” o anúncio de Campos Neto, justamente no momento em que o governo Lula divulgou um aumento nas receitas e uma consequente diminuição no déficit para o ano. Ou seja, as projeções da Fazenda apontam justamente para um cenário de estabilidade, o que não justifica a decisão. Ao contrário, era hora de sinalizar com redução dos juros.

“[A nota do BC] deixa em aberto, no momento em que a economia está retraindo e que o crédito está com problema para empresas e famílias, o Copom chega a sinalizar até a possibilidade de uma subida da taxa de juros que já é hoje a mais alta do mundo”, alertou o ministro, logo após o anúncio.



INDIFERENTE A queda da inflação, o anúncio do governo sobre as contas públicas e os apelos políticos não sensibilizaram Roberto Campos Neto

Ele advertiu ainda que, com o quadro monetário estabelecido pelo banco, o “resultado fiscal poderá ser comprometido por conta dos juros altos”. “Daqui a pouco veremos problemas das empresas para recolher impostos. Nossa preocupação é essa”, disse.

Depois do anúncio, Haddad fez questão de reafirmar o compromisso do governo Lula com

o “trabalhador, com as famílias e as empresas que geram emprego”. E que vai continuar atuando para melhorar o ambiente de crédito e harmonizar as políticas monetária e fiscal e fazer o Brasil voltar a crescer.

A decisão do Banco Central arrancou críticas também do Partido dos Trabalhadores. A presidenta do PT, deputada Gleisi Hoffmann (PR), concedeu entrevista ao UOL, na qual tratou de apontar a “irresponsabilidade” de Campos Neto com o Brasil. “Ele não está nem aí para o país, se os empresários conseguem empréstimo, se tem crédito, se tem produção, isso não passa pela cabeça dele”, condenou.

Gleisi reafirmou que o presidente do BC tem a obrigação de se explicar ao país e que terá essa oportunidade, por meio dos convites para comparecer à Câmara e ao Senado, em abril. “Ele terá de explicar bonitinho por que os juros reais chegam a 8%, por que o Brasil é campeão de juros e por que, mesmo com esse juro estratosférico, a inflação continua onde está”, disse. “Ele não entregou resultado e de tem de ser cobrado”.

RUI COSTA: “ESSA INSENSIBILIDADE DO BANCO CENTRAL SÓ AUMENTA O DESEMPREGO E O SOFRIMENTO DO POVO BRASILEIRO, NÃO DÁ PARA COMPREENDER”

NAS RUAS, PROTESTOS

Os movimentos sociais ocuparam as ruas de algumas capitais do país para defender a queda da taxa de juros pelo Banco Central. Na terça-feira, 21, as principais centrais sindicais – CUT, Força Sindical, CTB, UGT, CSB, NCST, CSP Conlutas, Intersindical e A Pública – além das frentes Povo Sem Medo e Brasil Popular, ocuparam as ruas e as redes para exigir a queda da taxa básica de juros.

Sindicalistas e representantes dos movimentos populares reafirmaram que a alta taxa de juros tem paralisado a economia e impedido o país de crescer e gerar empregos, distribuir renda e facilitar o acesso ao crédito. Em São Paulo, dirigentes da CUT e demais centrais e de movimentos populares realizaram manifestação contra a alta taxa de juros na Avenida Paulista.

Durante o ato, o presidente da CUT, Sérgio Nobre, ressaltou que um dos objetivos dos trabalhadores que batalharam para eleger Lula é a imediata mudança nos rumos da política monetária implementada pelo presidente do Banco Central (BC), Roberto Campos Neto. “A atual política de juros altos privilegia apenas os mais ricos”, disse.

Sérgio Nobre destacou que a eleição em outubro do ano passado foi para mudar o país com mais emprego, transporte e segurança, mas que com a atual taxa de juros, isso não será possível. “Campos Neto é um sabotador do país. Por isso, nós queremos dar o recado aqui: esses caras que estão reunidos nesse conselho monetário [Copom], dizem que são independentes, mas eles foram capturados pelo sistema financeiro”, criticou. •



TENSÃO Haddad disse que a decisão do Copom é preocupante: “Daqui a pouco veremos problemas das empresas para recolher impostos”

O líder do PT no Senado, Fabiano Contarato (ES), alertou para os impactos negativos da decisão de Campos Neto. “O Banco Central segue um caminho muito perigoso, ao não considerar as consequências graves que sua política monetária regressiva tem trazido ao país. Falha também ao não considerar os sinais vindos do sistema bancário dos EUA”, observou.

A decisão anunciada pelo Banco Central também foi alvo de reações indignadas da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e da Confederação Nacional da Indústria (CNI). As duas organizações emitiram notas sobre a carta do Copom.

“A decisão revela uma completa submissão deste comitê aos interesses dos rentistas e um evidente boicote do presidente do Banco Central ao esforço de todos e todas que trabalham pela retomada das atividades e do crescimento econômico, gerando emprego e distribuição de renda”, disparou a CUT.

Já a CNI trouxe indicadores do PIB para explicar os efeitos nocivos da Selic sobre a economia. “A taxa básica de juros no patamar atual foi um dos fatores

determinantes para a desaceleração da atividade econômica no final de 2022, com destaque para a retração de 0,2% no PIB do último trimestre”, destacou a entidade.

“E seguirá sendo um limitador significativo para o crescimento da atividade em 2023, quando as previsões para o PIB indicam alta de apenas 0,88%, segundo o Boletim Focus do BC”, disse a CNI.

A decisão do Copom também não reverberou bem entre economistas do campo progressista. O ex-ministro da Fazenda Guido Mantega denunciou a estratégia de chantagear o governo para submetê-lo ao teto de gastos. “Parece que o BC quer controlar a política fiscal, ele faz chantagem para que a regra fiscal seja aquela que o mercado quer”, frisou. “Determinados setores da economia querem manter o teto de gastos”.

Para Mantega, o argumento de que os juros se mantêm por causa da inflação não se sustenta. “O preço dos alimentos e da energia vem caindo não só no Brasil, mas lá fora também. A inflação teve uma subida em fevereiro, que já era esperada, mas a tendência é de queda, não subida”, argumentou. •

NOBEL: SELIC ATUAL É “PENA DE MORTE”

Em seminário promovido pelo BNDES, Joseph Stiglitz critica a política monetária do BC: “Vai matar qualquer economia”, alerta. Presidente da Fiesp reforça: “no Brasil, juros são pornográficos”

A mídia fez pouco alarde. Mas o diagnóstico do prêmio Nobel de Economia de 2001, Joseph Stiglitz, ex-assessor econômico de Bill Clinton, à política monetária administrada pelo economista Roberto Campos Neto no Banco Central é contundente. Ele avalia que a manutenção da Selic em 13,75% ao ano, como definiu o Banco Central na última quarta-feira, 22, é contra-producente e pode se tornar um problema grave para a economia brasileira.

A política de austericídio monetário foi alvo de duras críticas de Stiglitz, que tratou do assunto no seminário “Estratégias do Desenvolvimento Sustentável para o Século 21”, promovido pelo BNDES, no Rio de Janeiro, na segunda-feira. “A taxa de juros de vocês é de fato chocante”, disse. Presente ao evento, o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Josué Gomes da Silva, foi incisivo. Ele classificou os juros praticados no país como “pornográficos”.

Stiglitz comparou os efeitos dos juros no Brasil a uma pena capital. “É o tipo de taxa de juros que vai matar qualquer economia. É impressionante que o Brasil tenha sobrevivido a isso, que seria uma pena de morte”, declarou. “É parte da razão disso é que vocês têm bancos estatais, como o BNDES, oferecendo fundos a empresas produtivas para investimentos de longo prazo com juros menores”, elogiou.

Divulgação/BNDES



LIÇÃO Prêmio Nobel de Economia em 2001, Joseph Stiglitz diz que BC não pode só olhar para a inflação e ignorar os outros sinais da economia

Para o economista, que falou sobre estratégias para o desenvolvimento sustentável no âmbito das políticas fiscal e monetária, o país pena com taxas de crescimento baixas nas últimas décadas por conta dos juros. “É claro que juros altos afastam investimento e reduzem produtividade”, disse o economista. “O país é muito dependente de commodities e precisa de transição para uma economia industrial verde”.

Segundo Stiglitz, já ficou demonstrado que o monopólio do mercado eleva os riscos e a desconfiança junto com a inflação. “Um Banco Central independente e com mandato só para inflação não é o melhor arranjo para o bem-estar do país como um todo”, alertou.

O empresário Josué Gomes da Silva considera um equívoco a atual política monetária. “É in-

concebível a atual taxa de juros no Brasil”, disse. Ele avalia que a atual taxa da Selic tornou-se uma amarra insustentável para a política de desenvolvimento industrial no país. “Se não baixarmos os juros, não vai adiantar fazer política industrial”, advertiu o presidente da Fiesp.

Somente pela implementação de uma política industrial sustentável é que o país pode alcançar o pleno desenvolvimento e eliminar a dependência externa de manufaturados. O Nobel de economia lembrou inclusive que a recuperação da indústria americana é o ponto de convergência entre republicanos e democratas nos Estados Unidos, especialmente no que diz respeito à fabricação de microchips, atividade colocada em segundo plano devido à financeirização da economia que marcou os últimos 40 anos. •

MEDO E PÂNICO NO MERCADO

Depois da crise nos bancos estadunidenses, é a vez dos europeus. Dúvidas sobre o Deutsche Bank arrastam instituições financeiras para uma semana de perdas nas bolsas de valores



O mercado financeiro viveu uma semana de pânico. Principalmente na Europa. Depois da crise do Credit Suisse com sua aquisição forçada pelo UBS, por pressão direta do Banco Central da Suíça, o medo continuam varrendo a zona euro. As dúvidas pairavam na sexta sobre o Deutsche Bank, que há anos dá sinais de vulnerabilidade.

Os seguros contra inadimplência do maior banco alemão dispararam na sexta-feira, 25, e imediatamente as perdas na bolsa se espalharam como fogo em todo o setor, sem exceção. Com a operação de resgate do Credit Suisse ainda muito presente, e a crise na banca regional americana que levou duas instituições à quebra, a sensibilidade dos investidores está à flor da pele.

E isso se refletiu na evolução do índice Stoxx Europe 600, que agrupa os principais bancos europeus, em baixa de 3,78% no final da sessão. Deutsche Bank (-8,5%), Société Générale (-6%) e Commerzbank (-5%) foram os mais penalizados.

As autoridades monetárias e governamentais insistem na solidez do sistema financeiro europeu, mas a mensagem não é bem-sucedida. O medo de que a turbulência não tenha desaparecido e um novo terremoto com epicentro em Frankfurt começa a ganhar força como uma nova preocupa a. A exposi a ao mercado imobiliário dos EUA   citada entre seus problemas. Mas a origem vem de longe.

Não passa despercebido que o Deutsche Bank – como foi o caso do Credit Suisse – está esgotado por mais de cinco anos de escândalos. A entidade foi multada em 2015 em US\$ 2,5 bilhões de dólares por participar na manipula a do  ndice Libor (taxa do mercado interbancário de Londres) em conjunto com outros bancos.

Em 2018, foi investigado por Bruxelas por fazer parte de um cartel no mercado secundário de títulos soberanos e em 2019 por um cartel no mercado de câmbio. A Comissão Europeia tem uma investiga a aberta para apurar também se o Deutsche Bank manipulou mercado secundário de d vida pública na negocia a de títulos em euros entre 2005 e 2016. Apesar das múltiplas frentes, o banco pareceu recuperar o fôlego em 2022, quando lucrou mais de US\$ 5 bilhões de euros, seu melhor resultado desde antes da crise financeira.

A desconfiança volta aos bancos no momento em que os líderes europeus realizam uma reunião c pula com o objetivo de enviar uma mensagem para acalmar os mercados financeiros. O presidente do Eurogrupo, o irlandês Paschal Donohoe, insiste junto dos dirigentes da UE para que avancem na União Bancária, e pediu   Comissão Europeia que apresente as propostas legislativas para ajustar os procedimentos de resolu a da crise.

Donohoe também exigiu que a reforma pendente do fundo de resgate do euro, bloqueada pela Itália, seja ratificada. O chanceler alemão, Olaf Scholz, presente naquele encontro, não se esquivou do assunto: “O Deutsche Bank se modernizou. É um banco rentável. Não há motivos para preocupa a”, tentou tranquilizar.

Enquanto isso, a capitaliza a do banco alemão – que caiu mais de 14% na pior sessão – continuava caindo. Agora ronda os 18 bilhões de euros, e desde a implosão do Silicon Valley Bank perdeu mais de 25% do seu valor na bolsa.

Resgatado o Credit Suisse, o Deutsche Bank é o grande candidato a ser o centro das aten es. Existem algumas semelhanças entre os dois: são símbolos financeiros de seus respectivos países, embora degradados, es-

tiveram na mira dos reguladores por suas m s práticas, recorreram a investidores no Golfo Pérsico para recapitalizar e suas a es estão sangrando por anos depois de atingir o pico em 2007, antes da Grande Recessão.

Mas também há diferenças. O Deutsche Bank   maior que o Credit Suisse. Mas isso preocupa. Por ser maior, seu potencial impacto sobre o sistema financeiro   grande. Ao encerrar 2022, o banco contava com 1,3 trilhões de euros em ativos, mais do dobro do banco su o naquela data: 570 bilhões. Esses números o colocam como o oitavo maior banco europeu – o Credit Suisse era o décimo sétimo.

A velocidade com que os bancos quebraram nas últimas semanas acentua a sensa a de insegurança. Na sexta-feira, dia 10, o Silicon Valley Bank caiu. No domingo, dia 19, o Credit Suisse foi resgatado. Agora, com o Deutsche Bank na mira, a questão é: ele cai em sua própria fraqueza ou em um ataque implacável dos mercados, onde os investidores podem ganhar dinheiro vendendo?

A questão gerou uma cascata de análises. “Não temos preocupa es sobre a viabilidade do Deutsche Bank. Para deixar bem claro, o Deutsche não é o próximo Credit Suisse”, diz enfaticamente um relatório da Autonomous Research. “Embora a confiança esteja frágil e o mercado se lembre dos problemas anteriores   reestrutura a de 2019, o perfil financeiro do Deutsche melhorou substancialmente”, diz o JPMorgan.

Ainda assim, as notícias são preocupantes. E   isso que explica o medo dos investidores. O pânico é alimentado por quedas na bolsa, notícias negativas, viraliza a nas redes sociais e uma nova perda de confiança dos investidores. Este é o desafio do Deutsche Bank. •

BANCO CENTRAL ANTINACIONAL

O BC autônomo, como é hoje, significa que um dos sustentáculos da política econômica está apartado dos demais. Tecnochratas contrariam a vontade do povo nas eleições presidenciais de 2022

Odaír Cunha

É inaceitável a decisão do Copom de manter a taxa Selic em 13,75%.

O Banco Central, ao prosseguir com a escorchantes taxa de juros – que leva à taxa real mais alta do mundo – deu sequência à atuação contrária aos interesses do povo brasileiro, inviabilizando o crescimento da economia e a geração de empregos. Trata-se, claramente, de uma verdadeira sabotagem aos interesses nacionais.

A estratosférica Selic, injustificável sob qualquer parâmetro técnico, tem efeitos inócuos para frear a inflação de custos, é ineficaz para controlar a demanda e ainda eleva os custos financeiros das empresas. Juros altos, como hoje, comprometem a competitividade da indústria e suas perspectivas de crescimento.

Inviabilizam investimentos produtivos – a rentabilidade da maioria dos empreendimentos legais é menor que o custo dos empréstimos e ainda carrega risco. Com a indústria em dificuldades e a economia sem investimentos, o país não cresce, o desemprego permanece alto e os salários, baixos.

Os gestores que ainda con-



duzem o Banco Central – herança maldita do governo anterior, depois de uma draconiana mudança da legislação que garantiu autonomia completa à entidade, como se fosse um outro país – não estão preocupados com o Brasil e os interesses coletivos. Estão agindo de forma irresponsável para aumentar recessão, desemprego e sabotar o governo do presidente Lula.

A alta taxa de juros impacta decisivamente a qualidade de vida da população, pois ataca frontalmente a geração de empregos e renda, compromisso maior do governo Lula. Promove o desestímulo generalizado para investimentos de micro, pequenas, médias e grandes empresas. E a dívida pública cresce geometricamente, drenando recursos que podiam ser destinados à implementação de políticas públicas para a melhoria da qualidade de vida da população.

Já passou da hora de o soberbo presidente do BC, Roberto Campos Neto, comparecer ao Congresso Nacional para dar explicações sobre a política do banco que atende apenas aos interesses de especuladores e rentistas. Esse foi, na realidade, o objetivo do projeto, aprovado no governo passado, que concedeu autonomia formal ao Banco

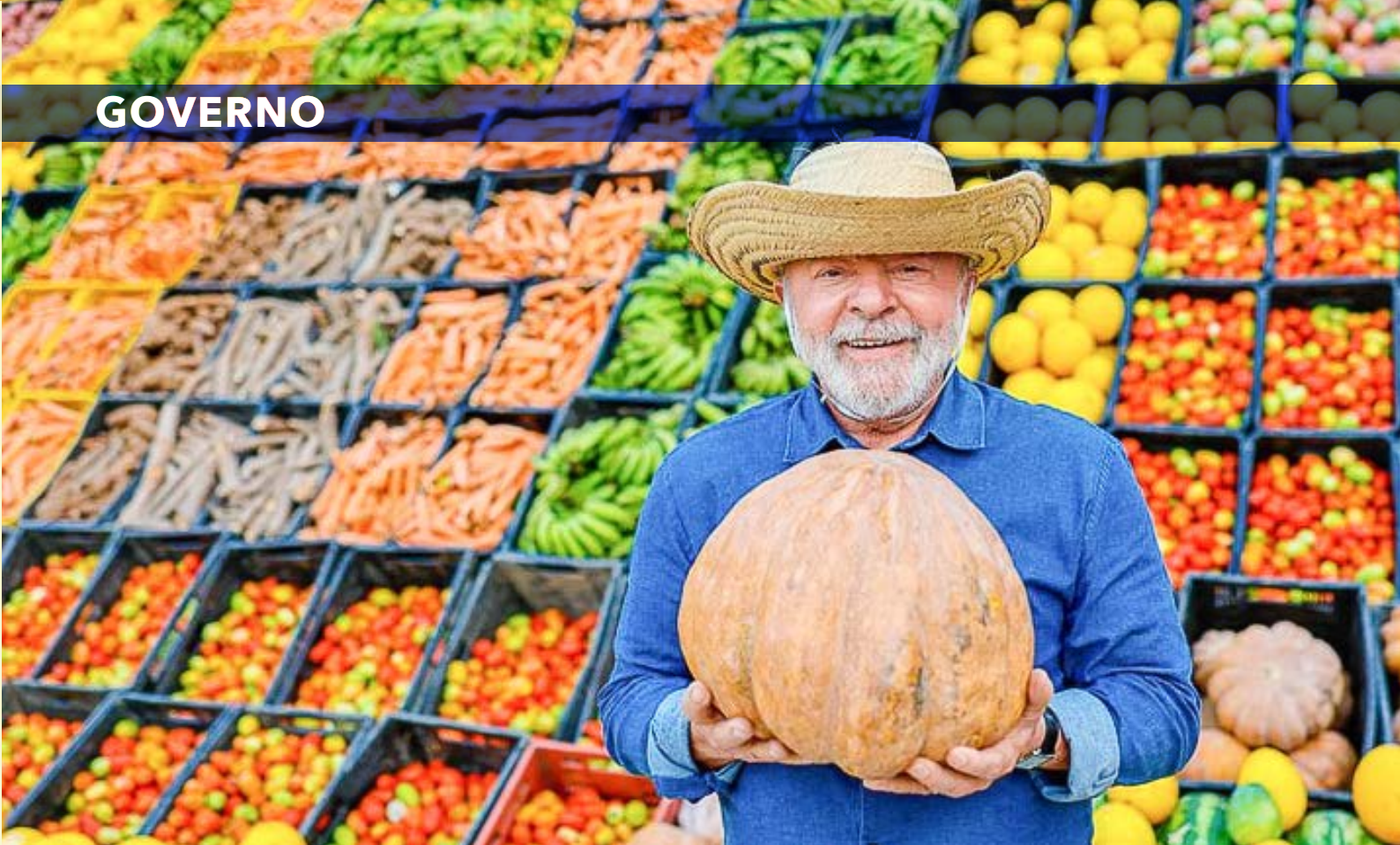
Central: um órgão estratégico ficou descolado das plataformas dos governos escolhidos pelo povo nas urnas. Um verdadeiro bunker burocrático à mercê da influência do já privilegiado sistema financeiro.

A verdade nua e crua é que a tecnocracia pode ser capturada e manipulada por interesses do chamado mercado, ignorando os interesses nacionais. Hoje, há o espectro da paralisação de atividades produtivas por conta da irresponsável política monetária do BC. Alega-se que o objetivo é controlar a inflação, mas a verdade é que essa terapia equivale à prática de um médico de matar o doente para curar a doença.

Nós, da bancada do PT, entendemos que a volta do desenvolvimento econômico e social demanda a integração de todos os instrumentos de política econômica – fiscal, monetária, creditícia e cambial. O BC completamente autônomo, como é hoje, significa que um dos sustentáculos da política econômica está apartado dos demais, com um grupo de não eleitos contrariando a decisão do povo nas eleições presidenciais.

A manutenção da taxa Selic configura recompensa aos rentistas e especuladores e extorsão e sabotagem aos setores produtivos e a todo o povo brasileiro. •

* Deputado federal por Minas Gerais, é líder em exercício da bancada do PT na Câmara dos Deputados.



COMPROMISSO Presidente Lula segura nas mãos abóbora plantada por agricultores familiares em Pernambuco

MAIS COMIDA PARA O POVO

“Não vou desistir até o povo comer três vezes por dia”, diz Lula ao relançar o programa de Aquisição de Alimentos, que compra produtos da agricultura familiar e faz chegar aos mais pobres

Em mais uma medida para a reconstrução do Brasil, depois de quatro anos de destruição das políticas de bem-estar social, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva assinou, na quarta-feira, 22, no Recife, a medida provisória que recria o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). O programa foi desmanchado por Jair Bolsonaro, com perdas crescentes de recursos.

Nessa nova fase, o governo federal vai investir R\$ 500 milhões para comprar alimentos produzidos por agricultores familiares de todo o Brasil. Os produtos serão distribuídos gratuitamente para famílias carentes, por meio de uma

rede de assistência social, e utilizados também em restaurantes comunitários e outros locais que atendem a população mais pobre.

“Nós voltamos a governar este país para mudar a história”, disse Lula. “Quem nunca passou fome não sabe quanta falta faz comer. Se Deus me fez chegar até aqui, não vou desistir antes de cumprir a profecia de que esse povo tem que comer três vezes por dia”, completou.

Ao adquirir alimentos dos pequenos produtores e garantir a distribuição de comida, o PAA consegue, ao mesmo tempo, melhorar a vida dos agricultores, combater a fome com alimentos saudáveis e fortalecer a economia

dos pequenos municípios. O programa foi um dos instrumentos para que o Brasil saísse do Mapa da Fome em 2012, durante o governo Dilma Rousseff.

Nessa nova fase, o programa vai dar especial atenção a mulheres, indígenas e quilombolas que tiram seu sustento do campo. Foram criadas facilidades para que povos indígenas e comunidades tradicionais se tornem fornecedores do PAA. E estão previstas medidas para que o percentual de mulheres produtoras cadastradas chegue a, pelo menos 50%.

“O que anunciamos hoje é um passo muito importante para a melhoria da qualidade de vida do povo brasileiro e na vida do povo

que trabalha na agricultura. Já fizemos isso uma vez, e agora vamos fazer com muito mais competência, disposição e rapidez”, disse.

O início do novo PAA foi simbolizado com a entrega do cartão de pagamento do programa ao produtor Daniel Silva, membro da Rede Produtiva de Avicultores de Caruaru (PE). Ele recebeu o cartão pelo qual poderá gerenciar os recursos pagos a ele das mãos do ministro do Desenvolvimento Social, Wellington Dias, e da presidenta do Banco do Brasil, Tarciana Medeiros.

“A palavra de ordem é esperança, porque esse dia chegou e nós temos que agradecer a Deus por Lula estar aqui hoje. Não é só o agricultor que ganha com o PAA. A gente também leva alimentação para quem mais precisa. Precisamos tirar o Brasil mais uma vez do Mapa da Fome”, lembrou Silva.

A agricultora Maria José da Silva, do município de Ribeirão, contou que participa da Associação de Moradores e Agricultores do Engenho Progresso, formado quase totalmente por mulheres que, hoje, produzem alimentos que chegam por meio da Conab-PE a mais de 3 mil famílias da região.

“Quem tem fome tem pressa. No dia da entrega de alimentos nos bairros, vemos a alegria estampada nos rostos. Já vi pessoas chorando porque em casa não tinham o que comer. São pessoas que hoje contam os dias para receber os produtos. Estamos alimentando quem precisa”, disse.

O ministro do Desenvolvimento Agrário e da Agricultura Familiar, Paulo Teixeira, lembrou que, além dos R\$ 500 milhões investidos no PAA, a agricultura familiar está sendo beneficiada com outras iniciativas.

Uma delas é o reajuste do Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae), que destinará pelo menos 30% dos recursos à compra de produtos locais para comprar a merenda escolar.

Além disso, todos os órgãos públicos federais, na hora de comprar alimentos, também devem adquirir o mesmo percentual, no mínimo, da agricultura familiar.

“Foram seis anos de destruição, mas o dia chegou. Vai voltar o Programa de Aquisição de Alimentos. É alimento fresco na mesa do povo”, disse.

Falando antes de Lula, a governadora de Pernambuco, Raquel Lyra (PSDB), disse que programas como o PAA são fundamentais no combate à desigualdade. “Cada política pública lançada pelo senhor aqui, será nossa política pública também, para chegar à vida da população”, garantiu. •

ADICIONAL DE R\$ 150 POR FILHO DE ATÉ 6 ANOS

Novo Bolsa Família começou a ser pago e vai beneficiar 21,9 milhões de famílias. Além dos R\$ 600, programa vai destinar mais dinheiro para quem tem filho

O governo Lula começou a pagar na última segunda-feira, 20, o novo benefício do programa Bolsa Família, que destina o mínimo de R\$ 600 por família, mais R\$ 150 extras para cada criança de até 6 anos. Ao todo, 8,9 milhões de crianças serão beneficiadas. Com isso, o programa tem investimento do governo federal de R\$ 14 bilhões. E o valor médio recebido pelas famílias saltou de R\$ 606,91, em fevereiro, para R\$ 670,33.

Além do pagamento extra de R\$ 150 por filhos de até seis anos, a previsão é de que a partir de junho será pago o valor extra de R\$ 50 para grávidas e por filho entre sete e

18 anos. O programa social atende famílias com renda per capita de até R\$ 218 por pessoa, classificada como situação de pobreza ou de extrema pobreza. Hoje, 21,9 milhões de famílias estão incluídas no programa.

Têm direito a entrar no programa as famílias que estejam no Cadastro Único e tenham renda mensal de até R\$ 218 por pessoa. Essa renda mínima é maior que a utilizada pelo governo anterior para incluir as pessoas no Auxílio Brasil (R\$ 210).

Graças à revisão do CadÚnico, o governo federal identificou 694 mil famílias que tinham direito, mas estavam

fora do programa. Elas passam a receber o benefício. Já outras 1,5 milhão que não se enquadram na faixa de renda foram retiradas, abrindo espaço para quem mais precisa.

O Bolsa Família vai completar 20 anos em outubro. O programa foi criado no primeiro governo Lula em 20 de outubro de 2003, por meio da Medida Provisória 132. Anos mais tarde, o programa receberia importantes prêmios internacionais, seria copiado por dezenas de países, incluindo alguns ricos, como a Itália, e ajudaria o Brasil a sair do Mapa da Fome, feito alcançado em 2012 e confirmado pela ONU em 2014. •

A VOLTA DO MAIS MÉDICOS

Programa vai contratar 15 mil médicos em 2023, fazendo o total de profissionais presentes em áreas remotas chegar ao recorde de 28 mil. Lula: “Não há investimento maior que salvar uma vida”

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva anunciou, na segunda-feira, 20, a volta de um dos programas sociais mais importantes, criado em 2013 pela então presidenta Dilma Rousseff para melhorar a vida do povo e que, infelizmente, foi destruído nos anos de Jair Bolsonaro à frente da Presidência da República. A volta do Mais Médicos é um acerto do governo para reforçar o Sistema Único de Saúde.

O programa volta reforçado, revisto e ampliado para garantir atendimento aos moradores das periferias e cidades do interior e às comunidades vulneráveis, como indígenas e quilombolas. Ao longo de 2023, serão contratados 15 mil profissionais, fazendo com que o número de médicos participantes chegue ao recorde de 28 mil. Com isso, mais de 96 milhões de brasileiros terão a garantia de atendimento na atenção primária.

“Somente quem mora nas periferias das grandes cidades, nas cidades pequenas sabe o que é a ausência de um médico”, disse Lula, na cerimônia realizada no Palácio do Planalto, voltando a lembrar que a saúde jamais deve ser vista como gasto, mas investimento no bem-estar do povo. O governo vai investir R\$ 712 milhões somente este ano.

“Não há investimento maior do que salvar uma vida, do que o cidadão estar pronto para o trabalho”, disse. “Por isso, a Saúde não pode ser refém de teto de gastos, juros altos ou cortes orça-

mentários em nome de um equilíbrio fiscal que não leva em conta o bem mais precioso que existe, que é a vida humana.”

Lula lembrou que o Mais Médicos foi vítima de ataques mentirosos por parte do governo anterior, que promoveu uma campanha contra os especialistas cubanos injustamente, descaracterizando o programa e deixando a população sem atendimento médico.

O presidente ressaltou que, nesta nova fase, o objetivo do programa é preencher as 15 mil novas vagas com médicos brasileiros. E, caso não seja possível, médicos estrangeiros serão chamados. “Porque o que importa para nós não é apenas a nacionalidade do médico, mas a nacionalidade do paciente, que é um brasileiro que precisa de saúde”, disse.

Por fim, Lula apontou que, nesses primeiros 100 dias de governo, o objetivo é “recolocar na prateleira” as políticas públicas que deram certo. “A partir dos 100 dias, vai começar uma nova etapa da nossa administração. Vamos fazer coisas novas. Temos que nos dirigir também à classe média brasileira, que tem sofrido muito, e investir para gerar empregos”, destacou.

A ministra da Saúde, Nísia Trindade, lamentou que os ataques sofridos pelo programa fizeram com que, em 2022, mais de 4 mil equipes do programa Saúde da Família ficassem sem profissionais. “É a pior marca dos últimos 10 anos”, ressaltou.

Ela definiu o Mais Médicos

como “essencial para o SUS e para o povo brasileiro” e defendeu os resultados obtidos durante o governo de Dilma Rousseff. “Hoje, existem evidências consolidadas de que o programa conseguiu prover profissionais para as áreas mais vulneráveis, ampliou o acesso à Saúde da Família, diminuiu internações hospitalares e a mortalidade infantil. É por isso que ele está de volta”, observou.

Já o ministro da Educação, Camilo Santana, declarou que as pastas comandadas por ele e Nísia vão trabalhar juntas, uma vez que o novo Mais Médicos pretende atrair profissionais formados com apoio do Fies. Para isso, haverá oferta de incentivos especiais a esses médicos, assim como àqueles que decidirem cumprir o programa de residência em áreas remotas. “Essa é uma demonstração clara, desse governo e do presidente, do fortalecimento do Sistema Único de Saúde do país”, ressaltou.

Representantes dos médicos, da sociedade civil e dos secretários de Saúde fizeram questão de participar da cerimônia para ressaltar a importância do Mais Médicos. O presidente do Conselho Nacional de Saúde, Fernando Pigatto, lamentou o fim do programa.

“Nós tivemos um golpe neste país, e um projeto de morte foi implementado nos últimos anos. Nós não nos esqueceremos. Mas somos aquelas pessoas que estão esperando, acreditando no futuro e fazendo o amanhã”, discursou. •



A DISPERSÃO DO BOLSONARISMO

Passados quase três meses do início do terceiro governo Lula, o quadro da opinião pública parece ter sofrido mudanças importantes. É o que mostra a rodada do Ipec: 41% aprovam o novo governo

Matheus Tancredo Toledo

A mais recente pesquisa do Ipec (antigo Ibope) trouxe os números de avaliação do terceiro governo Lula, que caminha para completar seus três primeiros meses. A avaliação positiva (soma de ótimo e bom) do governo é de 41%, a regular é de 30% e a negativa (soma de ruim e péssimo) 24%. Quando questionados sobre a maneira que Lula está governando o Brasil, 57% dos entrevistados aprovam o presidente e 35% desaprovam. Em outra pergunta, é medida a confiança no

presidente Lula: 53% confiam nele e 43% desconfiam. Este artigo vai ressaltar três pontos.

O primeiro – e que consideramos o mais relevante – diz respeito à reprovação do governo. Sabe-se que no segundo turno das eleições presidenciais de 2023, pouco mais de 2 milhões de votos separaram o vencedor do pleito, Lula, do candidato derrotado – o então presidente Jair Bolsonaro.

O processo eleitoral foi marcado por um intenso período de polarização na opinião pública entre os dois candidatos, e uma parcela relevante, mesmo que minoritária, da população não aceitou a vitória

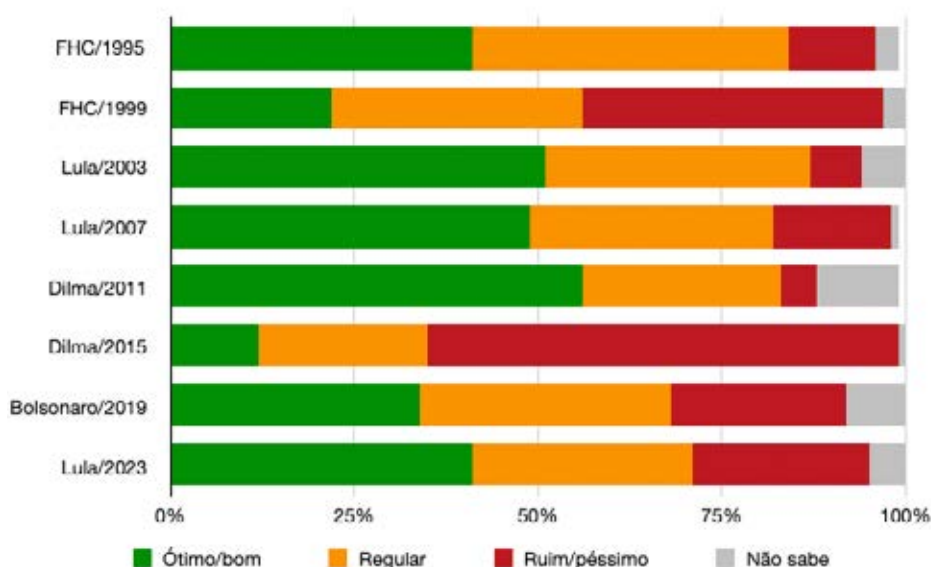
de Lula e embarcou no golpismo. Passados quase três meses do início do terceiro governo Lula, o quadro da opinião pública parece ter tido mudanças importantes.

Os 21% de reprovação – patamar relativamente baixo – indica que uma parcela significativa dos eleitores de Bolsonaro não se converteu automaticamente em opositores do governo. Ao menos na forma em que o avaliam. É possível que uma parcela menos radical que apoiou o ex-presidente no último pleito tenha adotado uma postura de “esperar pra ver” o que será do novo governo.

Essa possível dispersão do

AValiação DO GOVERNO

Como eram vistos os presidentes no início de seus governos



Fontes: Ibope e Ipec

campo adversário pode acarretar numa janela de oportunidade para que o governo e o campo democrático popular construam ampla maioria, trazendo essa parcela da população para o 'lado de cá'. Vale frisar que a aprovação ao governo reflete números similares ao que Lula detinha de apoio antes das eleições, significando, por outro lado, que a força se manteve - não foi ampliada.

O segundo ponto se desdobra da comparação das avaliações dos primeiros meses de governo dos presidentes desde FHC. Como se nota, o histórico de pesquisas do Ipec, permite uma comparação com mandatários anteriores. Lula é o presidente melhor avaliado em início de mandato desde o primeiro governo da ex-presidenta Dilma Rousseff, que acumulou no começo de seu governo uma aprovação de 56% da população.

Em comparação com seu antecessor, Bolsonaro, Lula possui 7 pontos percentuais a mais de aprovação - os já mencionados 41% contra 34% do então presidente. Lula iguala, segundo o instituto, o desempenho do

primeiro governo de Fernando Henrique Cardoso, que também acumulou 41% de avaliação positiva no seu início.

Já o terceiro ponto diz respeito aos recortes de renda, religião e região. A melhor avaliação do governo se concentra entre pessoas de até um salário mínimo de renda familiar mensal (50%), baixando nas outras faixas. Entre os evangélicos, a aprovação é 10 pontos percentuais a menos que a média, enquanto a reprovação é de 32%. No Nordeste, a avaliação positiva é de 53%, enquanto no Sudeste (26%) e no Norte/Centro Oeste (31%) a reprovação é maior que a média.

No próximo artigo, vamos aprofundar mais na análise dos recortes por segmentos, mostrando que para além destes três já anunciados - renda, religião e região -, as diferenças de avaliação entre homens e mulheres, jovens e mais velhos, por exemplo, apresentam variações diferentes das vistas até as eleições de 2022. •

Cientista político com mestrado na PUC-SP, é analista do Núcleo de Opinião Pública, Pesquisas e Estudos (Noppe), da Fundação Perseu Abramo.

A 'AMEAÇA COMUNISTA'

A desinformação é parte do problema do país. De acordo com o Ipec, 44% dos brasileiros consideram que o país o risco de "comunista" sob o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. De acordo com o levantamento, 31% concordam totalmente com a afirmação de que um novo regime poderia ser implantado no país, e 13% concordam parcialmente com a tese. Discordam total ou parcialmente da ideia 48% dos entrevistados.

A "ameaça comunista" foi um tema explorado durante a eleição de 2022 pelo então presidente Jair Bolsonaro, derrotado nas urnas. A afirmação ganha força entre os entrevistados que avaliam mal o início do governo Lula: 81% dos que afirmam que é "ruim ou péssimo" concordam com o risco de comunismo. Já 71% dos que consideram o governo Lula "bom ou ótimo" rejeitam a afirmação.

Em meio aos discursos de campanha de Bolsonaro durante a eleição, a pergunta "o que é comunismo?" foi uma das que mais cresceram no Google ano passado, o que sugere parte da população desconhece o regime. Em uma de suas falas citadas pelo jornal, Bolsonaro afirmou que Lula queria "impor" o comunismo no Brasil.

Também de acordo com a pesquisa, 57% da população afirmou que gostaria que o Brasil tivesse terceira via para evitar a polarização. Nesse caso, a divisão por gênero se equipara: 56% dos homens defendem um nome alternativo a Lula e Bolsonaro, assim como 57% mulheres. E ganha espaço nas faixas etárias de 16 a 24 (59%), 25 a 34 (61%) e 35 a 44 (59%). •



Olimpio

CERCO A BOLSONARO

O ex-presidente pode vir a ficar inelegível em decisão do TSE, por conta da reunião com embaixadores em que falou mal das urnas eletrônicas e levantou a possibilidade de fraude eleitoral na campanha de 2022

O ex-presidente Jair Bolsonaro está sentindo a pressão aumentar por conta das acusações que pesam contra ele na Justiça. Além da suspeita de corrupção e peculato por conta das joias dadas de presente pela ditadura saudita, ele ainda se vê enrolado na ação que pede sua inelegibilidade por abuso de poder nas eleições presidenciais de 2022. O caso está avançando no Tribunal Superior Eleitoral.

O próprio Bolsonaro admite a possibilidade de vir a ser impedido de voltar a correr em eleições. Nos Estados Unidos, há duas semanas, ele hesitou em apontar uma data para regressar ao Brasil. O ex-presidente está vivendo em Orlando, nos Estados Unidos, desde a véspera do feriado de 1º de janeiro, quando Luiz Inácio Lula da Silva assumiu a cadeira de presidente da República.

Questionado por jornalistas se tentaria concorrer novamente

ao Planalto em 2026, Bolsonaro mencionou a hipótese de se tornar inelegível pelo TSE por causa de reunião com embaixadores promovida pouco antes do início da campanha eleitoral no ano passado na qual criticou, sem provas, o sistema de votação. “Existe essa possibilidade de inelegibilidade, sim. A questão de prisão, só se for uma arbitrariedade”, disse.

O ex-presidente está na mira de outras 15 ações na corte que podem torná-lo inelegível por oito anos. No domingo, 19, em entrevista à *Folha de S.Paulo*, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), disse que uma decisão desfavorável ao pai seria injusta. “Eu acho que, se isso [inelegibilidade] acontecesse, seria a maior atrocidade das últimas décadas”, comentou. “Isso é interferir na democracia”.

Na semana anterior, o ex-ministro da Justiça Anderson Torres prestou depoimento junto ao TSE. Ele foi ouvido na ação que apura conduta de ex-presidente na reunião com embaixadores, na qual

questionou as urnas eletrônicas e o sistema eleitoral adotado pela Justiça Eleitoral. Torres respondeu às perguntas sobre a minuta de decreto golpista, apreendida na sua casa durante mandato de busca e apreensão.

A Ação de Investigação Judicial Eleitoral (AIJE), apresentada pelo PDT, questiona uma reunião que Bolsonaro fez com embaixadores, em julho de 2022, na qual realizou ataques sem provas às urnas eletrônicas e ao sistema eleitoral.

O depoimento foi pedido pelo corregedor-geral eleitoral, ministro Benedito Gonçalves, para esclarecer uma minuta com teor golpista encontrada na casa de Torres. O ex-ministro negou conhecer a autoria da chamada minuta do golpe. Também teria classificado o texto de “folclórico” e “lixo”.

Torres foi ouvido por videoconferência, durante cerca de 1h30. Ele está preso no 4º Batalhão da Polícia Militar do Distrito Federal por determinação do Supremo Tribunal Federal (STF), em um inquérito que apura os ataques às sedes dos Três Poderes em 8 de janeiro.

A PF encontrou na residência do ex-ministro a minuta de um decreto para instaurar estado de defesa na sede do TSE. O objetivo era mudar o resultado das eleições de 2022. O documento – considerado inconstitucional por especialistas – foi encontrado pela Polícia Federal durante uma operação de busca e apreensão.

O material foi anexado à ação que tramita contra Bolsonaro no TSE, que questiona a conduta do ex-presidente na reunião com embaixadores. O PDT acusou o ex-presidente de se utilizar do encontro, transmitido pela TV Brasil, para atacar a integridade do processo eleitoral e disseminar desinformação. •



APOIO Flávio Dino viajou para Natal mostrando a colaboração de Lula com a governadora Fátima Bezerra

R\$ 100 MILHÕES PARA A SEGURANÇA

Ministro da Justiça, Flávio Dino vai ao Rio Grande do Norte para anunciar reforço e acompanhar adoção da inteligência policial contra ataques iniciados pelo crime organizado

O governo Lula anunciou investimentos de R\$ 100 milhões para a segurança pública do Rio Grande do Norte, que vinha sofrendo há 15 dias ataques orquestrados pelo crime organizado contra o patrimônio pública e a população de mais de 50 cidades. O ministro da Justiça, Flávio Dino, desembarcou em Natal para acompanhar as ações contra a destruição de prédios públicos, comércios, incêndios e disparos de arma de fogo.

Ele disse afirmou que os ataques serão contidos progressivamente, graças ao trabalho conjunto dos governos federal e estadual. Serão realizadas três obras importantes para o Rio Grande do Norte: o Instituto Técnico-Científico de Perícia, o regimento de cavalaria e o complexo da Polícia Civil. A

governadora Fátima Bezerra (PT) agradeceu o apoio.

Segundo Dino, os recursos serão repassados para áreas que foram definidas nesse diálogo com o governo do estado. “Vamos destinar imediatamente ao estado viaturas e armas longas, carabinas, que vão ampliar o poder de resposta das polícias estaduais”, disse.

O valor anunciado pelo governo sairá dos fundos Nacional de Segurança Pública e do Fundo Penitenciário Nacional. A governadora irá administrar os recursos para as obras, aquisição de viaturas e armamentos. Ela disse que graças ao empenho de Lula, o trabalho integrado é uma demonstração de que os dois governos continuarão, incansavelmente, a trabalhar para restabelecer a paz e a ordem pública em Natal.

Outra medida anunciada pelo ministro da Justiça é a permanência das tropas da Força Nacional no Rio Grande do Norte até quando a governadora achar necessário para manter a segurança da população. Fátima Bezerra afirmou que os recursos também serão utilizados para a ampliação de vagas e compra de equipamentos para o sistema prisional do estado.

Nos últimos dias, foram registrados ao menos 252 ataques contra prédios públicos, estabelecimentos e veículos, segundo dados divulgados pela Secretaria de Segurança Pública e de Defesa Social do Rio Grande do Norte. Para autoridades estaduais, os atos são uma retaliação do crime organizado a ações repressivas do governo, que resultaram em prisões nas últimas semanas. •

SOLIDARIEDADE AO GOVERNO DO RN

A Associação de Juristas Potiguaras pela Democracia e Cidadania (AJPDC), o Movimento dos Policiais Antifascismo (MPAF) e a Entidade Advogados e Advogadas pela Democracia, Justiça e Cidadania (ADJC-RN) divulgaram nota na segunda, 20, manifestando solidariedade e apoio à governadora Fátima Bezerra, no enfrentamento à onda de terrorismo promovida pelos agentes criminosos do narcotráfico.

“Ao mesmo tempo, declaramos nosso total repúdio ao oportunismo fascista de políticos profissionais irresponsáveis e de seus asseclas, que buscam tirar vantagem do clima de terror, os quais não apresentam o menor prurido em propagar notícias falsas acerca da situação, terminando por emprestar apoio moral indireto ao crime organizado, negando reconhecimento mínimo às medidas tomadas pelo governo, sem ao menos sugerir quais medidas entendem que deveriam ser adotadas”, diz a nota.

“Essas pessoas, ao buscarem desmoralizar injustamente o governo, também demonstram escancarado desprezo por nosso povo, principalmente pelas populações mais diretamente atingidas pelos atentados”, aponta o manifesto.

“Reconhecemos que o governo do Rio Grande do Norte vem adotando as mais inteligentes e imprescindíveis providências, no combate ao terrorismo das associações criminosas do tráfico de drogas e de armas. Também compreendemos como descabidas e desnecessárias as propostas de intervenção federal e de chamamento das Forças Armadas”, conclui. •

Reprodução/Reuters

DESTEMIDO Alckmin reagiu ao suposto atentado planejado pelo PCC e lembrou que enfrentou a facção quando era governador de São Paulo

CRIME ORGANIZADO PLANEJOU ATENTADOS

PF desfaz plano de gangue para atacar Geraldo Alckmin, promotor e o ex-juiz Sergio Moro. “Não nos curvaremos diante de ameaças”, avisa o vice

A Polícia Federal do Brasil lançou na quarta-feira, 22, uma operação para dismantlar uma quadrilha criminosa que planejava realizar ataques mortais contra policiais e servidores públicos. Entre as autoridades que eram alvos do crime organizado estão o vice-presidente Geraldo Alckmin, parlamentares, um promotor público e até o ex-juiz Sergio Moro. O anúncio foi feito pelo ministro da Justiça, Flávio Dino, mas a operação foi ordenada pela juíza federal Gabriela Hardt, que substituiu Moro no caso da Lava Jato.

O vice-presidente Geraldo Alckmin (PSB) reagiu na quinta-feira e disse que o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) “não se curvará diante de ameaças criminosas”. Ex-go-

vernador de São Paulo, Alckmin se referiu ao suposto plano do PCC - facção criminosa que teve origem na capital paulista - de atentar contra autoridades e funcionários públicos. Alckmin e o senador Sergio Moro (União Brasil-PR) estavam na lista de alvos.

“Ao tempo em que fui governador do Estado de São Paulo, outras investigações já haviam revelado ameaças desse tipo direcionadas a mim e a meus secretários”, disse. “As razões para isso são muito claras: ao longo dos anos trabalhamos incansavelmente, inclusive, em parceria com os governos do presidente Lula (PT) para melhorar a segurança de São Paulo”. Segundo Alckmin, o trabalho em prol da segurança “incomoda o crime organizado”. •



ONU FAZ ALERTA AO PLANETA TERRA

Relatório do IPCC aponta que o mundo está caminhando rumo à catástrofe por conta da inação dos governantes. E o clima vai ficar mais aquecido até virar um inferno

A Organização das Nações Unidas (ONU) divulgou na última semana seu mais novo relatório sobre as alterações climáticas. O conteúdo é dramático. A ONU lançou um 'alerta final' de que o mundo precisa urgentemente reduzir pela metade as emissões de gases com efeito de estufa até 2030, para limitar o aquecimento global a 1,5°C ainda neste século.

Sem medidas concretas, estamos perto de um ponto de não retorno, com um futuro quente em que milhões vão perecer em função de eventos climáticos extremos. Esta é a síntese do relatório dos peritos do Painel Intergovernamental para Alterações Climáticas (IPCC na sigla em inglês).

O secretário-geral da ONU, o português António Guterres,

não mediu as palavras: "A humanidade caminha em gelo fino e esse gelo está derretendo rapidamente. O mundo necessita de ação climática em todas as frentes, tudo, em todos os lugares, ao mesmo tempo".

De acordo com a ONU, ainda há esperança de não ultrapassar o limite de 1,5°C. "Este relatório de síntese ressalta a urgência de tomar medidas mais ambiciosas e mostra que, se agirmos agora, ainda poderemos garantir um futuro sustentável e habitável para todos", declarou Hoesung Lee, presidente do IPCC. "Se as emissões de gases de efeito de estufa atingirem o pico e forem reduzidas rapidamente nos anos seguintes, ainda será possível evitar a pior devastação que se seguiria a um aumento de 1,5°C".

Embora os governos tenham concordado em agir para evitar

que o aumento da temperatura global ultrapassasse 1,5°C, os especialistas acreditam que este limite ficará para trás ainda antes da década de 2030.

"O mundo aquece em resposta à acumulação de dióxido de carbono e outros gases de efeito de estufa na atmosfera", diz o relatório. "Todos os anos em que as emissões continuam a aumentar se consome o 'orçamento de carbono' disponível e isso significa que serão necessários cortes muito mais drásticos nos anos seguintes".

Guterres pediu aos governos que tomem medidas drásticas para reduzir as emissões, investindo em energia renovável e tecnologia de baixo carbono. "Os países ricos devem tentar alcançar emissões líquidas zero de gases de efeito de estufa o mais próximo possível de 2040 em vez de tentar atingir a neutralidade carbônica até 2050, compromisso que a maioria dos países assinou", disse.

No novo relatório, o IPCC apresenta a devastação que já atingiu partes do globo e relata que o clima extremo causado pelo colapso climático levou ao aumento de mortes devido à intensificação das ondas de calor em todas as regiões, milhões de vidas e casas ficaram destruídas em secas e inundações, milhões de pessoas passam fome e há 'perdas cada vez mais irreversíveis' em ecossistemas vitais.

"Milhões de pessoas vivem em áreas que são altamente vulneráveis ao colapso climático e metade da população global enfrenta escassez severa de água durante, pelo menos, parte do ano. Em muitas regiões já estamos atingindo o limite ao qual nos podemos adaptar a mudanças tão severas e os extremos climáticos estão a impulsionar cada vez mais o deslocamento de pessoas na África, Ásia, Américas e no sul do Pacífico", diz o documento do IPCC. •



Olimpio

APOSTA O presidente lidera comitiva com empresários, ministros e parlamentares na visita a Pequim e Xangai. A visita de Estado é cercada de expectativa de novos negócios e terá grande impacto na relação entre os dois países

BRASIL-CHINA: JOGO DE 'GANHA-GANHA'

Presidente desembarca em Pequim para uma visita de Estado que promete ampliar os negócios entre os dois países, e vai assinar 20 acordos de cooperação: de telefonia 6G ao lançamento de satélites, passando por inteligência artificial

O Brasil dá início um projeto de ampliação de suas relações comerciais na nova visita do presidente Luiz Inácio Lula da Silva a Pequim e Xangai, onde será recebido com honras pelo presidente Xi Jinping, que considera o líder brasileiro um velho amigo. Lula será acompanhado por uma delegação de 240 empresários, ministros de Estado e da ex-presidenta Dilma Rousseff, além de parlamentares.

O tamanho da delegação é vis-

to pelo governo chinês como um sinal do forte interesse do lado brasileiro em ampliar a cooperação com Pequim. A ideia é que a ida de Lula estreite ainda mais os laços com a China e estabeleça um jogo de 'ganha-ganha' para os dois países.

A visita de uma semana de Lula, para a qual levará dezenas das figuras mais poderosas da política, indústria e agronegócio brasileiros - vem logo após as viagens do chefe de Estado brasileiros aos Estados Unidos e à Argentina, os outros parceiros

comerciais mais importantes do Brasil depois da China.

Na comitiva estão líderes empresariais, incluindo donos da gigante processadora de carnes, grandes exportadores de soja, meia dúzia de ministros, três governadores de estado e dezenas de parlamentares, entre eles o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco. Lula será recebido por Xi Jinping e seu aliado próximo Li Qiang, o ex-chefe do Partido Comunista de Xangai que recentemente foi nomeado o novo primeiro-ministro da China.



EMPATIA O presidente Lula recebeu os cumprimentos do vice-presidente da China, Wang Qishan, quando tomou posse em 1º de janeiro. Os dois países intensificaram suas relações durante os governos de Lula e Dilma Rousseff

Para além da ampliação das relações comerciais, principalmente na agricultura e pecuária, o Brasil quer fazer uma aposta na cooperação tecnológica com a China. Lula vai assinar mais de 20 acordos de cooperação e intercâmbio, incluindo áreas sensíveis, como tecnologias de semicondutores, 5G, 6G e as próximas gerações de redes móveis, além de setores de inteligência artificial e células fotovoltaicas (para geração de energia solar).

Os memorandos de entendimento serão assinados durante a visita de Lula a Pequim nesta semana. Os acordos, que envolvem os ministérios de Ciência e Tecnologia, Comunicações e Anatel, preveem capacitação em desenvolvimento de aplicativos, nuvem, internet das coisas e algoritmos em aplicativos para a indústria. Todas essas áreas de tecnologias são consideradas sensíveis e estão no centro da guerra fria entre Estados Unidos e China.

A China domina quase metade do mercado mundial da etapa chamada de backend dos semicondutores, a finalização - teste, afinamento, corte e encapsulamento dos compo-

nentes. O país também atua no frontend, etapa que compreende a fabricação do componente. Mas os chineses não conseguiram ainda produzir os chips mais avançados, cuja tecnologia ainda é monopólio de Taiwan e Coreia. Hoje, o Brasil tem 11 grandes empresas na cadeia de produção de semicondutores, mas com capacidade apenas no chamado backend da cadeia. O interesse dos dois países é mútuo e ambos têm a se beneficiar.

Nos últimos meses, Washington sinalizou várias vezes ao Itamaraty o interesse de promover investimentos na cadeia de semicondutores no Brasil. Os chineses,

como parte do pacote de recepção de honra a Lula em Pequim, devem acenar com possibilidade de cooperação em fábricas de semicondutores no Brasil, com produção voltada para o mercado brasileiro.

Daí porque a maior cooperação entre China e Brasil despertou em observadores nos EUA muita preocupação. E Pequim sabe disso. O *Global Times*, jornal ligado ao Partido Comunista da China, que saudou a ida do presidente brasileiro, apontou que, "desde que Lula foi reeleito como presidente do Brasil, muitos meios de comunicação ocidentais e think-tanks têm feito alguns ruídos desarmoniosos em uma aparente tentativa de interromper e desacreditar a cooperação China-Brasil".

A Reuters distribuiu nota anunciando a ida do brasileiro à China para reatar as relações com o maior mercado de exportação de seu país e buscar novos investimentos chineses no país latino-americano. "Lula se encontrará com Xi Jinping no dia 28 de março em Pequim, o primeiro líder estrangeiro a visitar o líder chinês desde que ele garantiu um tercei-

20

acordos de cooperação tecnológica serão firmados por Lula e Xi Jinping. Um deles é de cooperação para o lançamento do satélite Cbers-6, capaz de fazer o monitoramento de florestas tropicais

ro mandato como presidente sem precedentes”, informou.

A aproximação de Brasília e Pequim preocupa os Estados Unidos, que foram menos generosos ao darem a mão ao Brasil na última visita de Lula à Casa Branca, em fevereiro. A agência observa que a viagem à China ocorre menos de dois meses depois que Lula se reuniu com Joe Biden, em Washington, enquanto “Brasília almeja uma política externa pragmática equilibrando os laços com seus principais parceiros comerciais, apesar das crescentes tensões entre os dois países”.

O britânico *The Guardian* também noticiou a turnê de Lula. 'O Brasil está de volta': Lula visitará Xi ao reatar relações diplomáticas com a China – apontou o jornal em reportagem no alto da página 31, na edição de sexta-feira, 24. Mas a China atribui a ida do brasileiro a uma reativação dos velhos laços dos dois países, que se estreitaram com Lula e Dilma na Presidência, a partir de 2003.

Na última semana, em texto noticioso anunciando a visita do

US\$ 89,4 BI

foi o valor das exportações brasileiras para a China em 2022. Isso representa 26,8% do total das vendas dos produtos brasileiros para o exterior. A China hoje é a maior parceira comercial do Brasil, superando Estados Unidos e a Argentina

presidente do Brasil, o *Global Times* reproduziu trecho de artigo publicado em janeiro pelo Carnegie Endowment for International Peace, um think-tank com sede em Washington: “Lula não pode simplesmente contar com a China desta vez”.

O jornal internacional do PC chinês ironizou: “Desnecessário dizer que tais tentativas não alterarão a tendência geral de crescimento da cooperação econômica e comercial entre a China e o Bra-

sil, resultado natural da forte complementaridade econômica entre os dois países”.

Além do aspecto econômico, uma aliança considerada estratégica pelo governo Lula se dará numa área que é prioridade para o Planalto: o combate à fome. Os governos Lula e Xi vão assinar um compromisso de combater a fome e a pobreza extrema, prevendo até mesmo a construção de uma aliança nos organismos multilaterais para colocar o tema na agenda internacional.

Além disso, assim como a China, a principal estratégia do Brasil é promover o desenvolvimento econômico e social. E a cooperação entre os dois países é especialmente crucial em um momento tão difícil de incerteza econômica global. O esforço de Pequim é trabalhar para que Brasília ignore os ruídos do Ocidente, para que os dois países se concentrem em aumentar a cooperação e a competitividade econômica.

Apesar dos impactos da pandemia de covid-19 na economia global nos últimos três anos, a

VISITA A HUAWEI, ALVO DA CASA BRANCA

Na viagem à China, o presidente Lula também irá à gigante de telecomunicações Huawei, e deve visitar as sedes e se reunir com os presidentes da BYD, montadora de carros elétricos, da State Grid, de energia, e da construtora China Communications Construction Company (CCCC). A visita à Huawei pode melindrar a Casa Branca, que considera a empresa um problema.

Durante o governo Bolsonaro, os Estados Unidos pressionaram o Brasil a vetar a Huawei do fornecimento de equipamentos para operadoras disputando o leilão do 5G, realizado em 2021. Os americanos argumentam

que as redes da Huawei não têm segurança e podem ser alvo de espionagem, com a empresa compartilhando os dados com o governo chinês. Mas o governo brasileiro resistiu e não excluiu a gigante chinesa.

Países como Reino Unido, Suécia, Japão, Austrália e Canadá impuseram restrições à empresa. Sanções de Washington também impedem empresas americanas de exportar componentes para a Huawei.

Na minuta do memorando com o Ministério das Comunicações constam apenas as diretrizes da parceria voltada às tecnologias de comunicação

em quinta e sexta gerações (5G e 6G), além de cooperação para o desenvolvimento de sistemas de proteção de dados.

O plano de ação será definido depois da assinatura do documento por técnicos da pasta e da Anatel. Esses foram justamente os pontos que o governo Bolsonaro vetou durante os preparativos do leilão de 5G.

Agora, Lula retoma a parceria para avançar no desenvolvimento de tecnologias comuns aos dois países, tanto na parte de hardware (equipamentos de redes de telecomunicações), quanto de software (soluções de rede). •

relação comercial entre a China e o Brasil vem alcançando novos patamares. O comércio bilateral ultrapassou US\$ 100 bilhões por cinco anos consecutivos, e a China permaneceu como o maior parceiro comercial do Brasil por 14 anos consecutivos. Em 2022, as exportações brasileiras para a China somaram US\$ 89,43 bilhões, o que representa 26,8% do total do país. O Brasil também é o maior destino de investimentos da China na América Latina.

Lula visitou a China pela primeira vez em 2004. Ele liderou uma grande delegação de ministros, governadores e líderes empresariais em uma tentativa de estreitar os laços com a segunda maior economia do mundo. Apenas cinco anos depois dessa viagem, a China ultrapassou os EUA como o maior parceiro comercial do Brasil, em 2009, sob a Presidência de Lula. É hoje o maior receptor de investimentos chineses na América Latina, impulsionados por gastos em linhas de transmissão de eletricidade de alta tensão e extração de petróleo. A esperança do governo chinês é que a visita de Lula desta vez levará mais uma vez as relações econômicas China-Brasil a um novo patamar.

O aprofundamento da parceria econômica e comercial entre a China e o Brasil impulsionou o desenvolvimento da agricultura, infraestrutura, ciência e tecnologia, comércio eletrônico e outros campos, contribuindo muito para o crescimento econômico do Brasil. Para desenvolver o potencial da cooperação econômica e comercial bilateral, a China e o Brasil estão trabalhando juntos para promover medidas de facilitação de investimentos, moldar conjuntamente o ambiente de segurança da cadeia industrial e da cadeia de suprimentos, aprimorar as capacidades de desenvolvimento sustentável e realizar cooperação prática nas principais indústrias. •

Sergei Karpukhin/ Reuters



FUNDADORA Dilma cumprimenta Putin na reunião de Cúpula dos Brics, em Ufa, na Rússia. O banco foi criado em 2014, em encontro no Brasil

DILMA ASSUME BANCO DOS BRICS

Ex-presidenta foi indicada por Lula e seguirá na comitiva do presidente para a China. Ela assume o cargo em cerimônia na sede do NDB, localizado em Xangai

Perseguida por adversários, alvo de ataques misóginos de Aécio Neves na campanha eleitoral de 2014 e vítima de um cerco político promovido por setores da grande imprensa e uma ala política do PMDB de Michel Temer e Eduardo Cunha ao longo de 2015, Dilma Rousseff dá a volta por cima e volta a ocupar um lugar de destaque no cenário internacional.

Na última sexta-feira, 24, Dilma foi eleita para assumir a direção do Novo Banco do Desenvolvimento (NDB), instituição financeira criada em 2014 pelos Brics - o bloco formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Ela tomará posse no cargo no dia 29, durante a viagem do presidente Luiz Inácio Lula da Silva à China. Ele participará da posse, que ocorrerá em Xangai.

O conselho de governadores do banco, formado pelos ministros da Fazenda dos países fundadores do NDB, mais representantes dos quatro novos integrantes (Bangladesh, Emirados Árabes Unidos, Egito e Uruguai), se reuniram por videoconferência para votar a indicação de Dilma.

Afastada da Presidência da

República por um impeachment, aprovado pela Câmara e pelo Senado em um processo fraudulento, baseado na tese das "pedaladas fiscais" que seria crime de responsabilidade, Dilma volta a assumir um papel de destaque e deve ficar à frente do chamado banco dos Brics até julho de 2025. Ela substituiu Marcos Troyjo, indicado pelo governo Bolsonaro.

O banco dos Brics foi criado após reunião de cúpula dos chefes de Estado, realizada em Fortaleza, em 2014, durante o mandato de Dilma. O objetivo da instituição é assegurar fontes de financiamento para obras de infraestrutura. O NDB tem uma carteira de investimentos da ordem de US\$ 33 bilhões.

A sede do banco fica num prédio em Xangai, onde Dilma passará a morar e a despachar no novo e moderno edifício construído para abrigar o NDB, inaugurado em 2021. A cidade é um centro financeiro global. Dilma trabalhará num gabinete com vista para a metrópole, maior cidade chinesa, e receberá remuneração no mesmo patamar de outros bancos multilaterais, conforme executivos da instituição. •

新秩序

НОВЫЙ ПОРЯДОК



**O ENCONTRO
DE XI E PUTIN
MUDA O JOGO**

Os presidentes da China e Rússia estreitam as relações entre os dois países e vão desenhando uma nova ordem mundial, onde o multilateralismo ganha força, mesmo que EUA digam o contrário. A ida de Xi a Moscou preocupa a Casa Branca

China e Rússia – dois dos principais players da política internacional – estão mais próximos do que nunca, ainda que a imprensa ocidental considere que nem Xi Jinping confie em Vladimir Putin, nem o ex-agente da KGB vê com bons olhos o presidente do maior Partido Comunista do planeta. Não acredite na torcida dos jornais europeus ou americanos. Xi e Putin jogam um dueto em que ambos tendem a ganhar.

A semana começou com a visita de Estado de três dias do presidente chinês à Rússia, logo após o primeiro aniversário da ofensiva do Kremlin contra a Ucrânia. “Estamos sempre abertos a negociações. Certamente falaremos sobre todas essas questões, incluindo suas iniciativas, que tratamos com respeito”, disse Putin a Xi durante uma reunião transmitida pela televisão russa, garantindo que Moscou e Pequim têm “muitos objetivos em comum”.

E acrescentou: “Eu sei que você (...) tem uma posição justa e equilibrada sobre as questões internacionais mais prementes”. Seguindo o protocolo diplomático Xi Jinping se posicionou, celebrando as “estreitas relações” entre os dois países e sua “cooperação estratégica global”. Disse que a China está “pronta para ficar firmemente ao lado da Rússia” em prol do “verdadeiro multilateralismo” e da “multipolaridade no mundo”. Se isso não é uma aliança, o que mais seria?

E os Estados Unidos sentiram. O secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, pediu que o mun-

do não se deixe “enganar” pelas propostas da China para encerrar o conflito na Ucrânia, anunciando outros US\$ 350 milhões em ajuda militar a Kiev. Em uma audiência no subcomitê de Defesa na Câmara dos Deputados, ele disse que a visita de Xi a Moscou era muito preocupante. Também a União Europeia anunciou um pacote de 2 bilhões de euros para facilitar a entrega de munição à artilharia ucraniana.

Para Pequim e Moscou, o objetivo do encontro é mostrar a força de seu relacionamento enquanto os dois países enfrentam tensões com as principais potências ocidentais. Enquanto o Kremlin mantém artilharia pesada para impedir que a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) mantenha bases na primeira linha de fronteira com a

**PARA PEQUIM
E MOSCOU, O
OBJETIVO É
MOSTRAR A
FORÇA DE SEU
RELACIONAMENTO
ENQUANTO
ENFRENTAM O
OCIDENTE**

Rússia, Xi mostra poder aos EUA e que não aceitará que Taiwan fique à mercê do Ocidente.

Para Putin, a visita de Xi é especialmente importante, já que o Tribunal Penal Internacional (TPI) emitiu um mandado de prisão contra ele na última sexta-feira, 17, por “crimes de guerra” na Ucrânia. Para Xi, o encontro também serve para sinalizar que Pequim não vai mudar um centímetro em estratégia de expansão pragmática, realizando negócios pelo mundo.

Após a reunião “informal” de segunda-feira, que durou quatro horas e meia, o presidente russo acompanhou seu convidado à saída do Kremlin. Na terça-feira, os dois dirigentes tiveram mais conversações oficiais, promovendo ainda a assinatura de acordos para aprofundar a cooperação bilateral econômica.

Tendo participado da recente reconciliação diplomática entre a Arábia Saudita e o Irã, Pequim quer se posicionar como mediador na Ucrânia. A China não condenou publicamente a ofensiva russa e critica os EUA por fornecer armas à Ucrânia.

Pequim apresentou um plano de 12 pontos no final de fevereiro para exigir negociações de paz. A sua posição foi criticada pelos países ocidentais, que consideram que Xi Jinping dá cobertura diplomática à ofensiva russa e que as suas propostas carecem de soluções práticas.

Os EUA já indicaram que não apoiariam um novo chamado de cessar-fogo chinês durante a visita de Xi a Moscou. Blinken disse que Washington saúda qualquer

iniciativa diplomática para uma “paz justa e duradoura”, mas duvida que a China esteja protegendo a “soberania e integridade territorial” da Ucrânia. “Pedir um cessar-fogo que não inclua a retirada das forças russas do território ucraniano seria efetivamente apoiar a ratificação da conquista russa”, acrescentou.

O Wall Street Journal informou que o líder chinês pode estar planejando sua primeira conversa telefônica com o presidente ucraniano, Volodimir Zelensky, desde o início do conflito. A Ucrânia instou Xi a “usar sua influência em Moscou para acabar com a guerra agressiva” em seu território.

A visita de Xi também tem um aspecto econômico importante, depois que a Rússia redirecionou sua economia para a China por causa das sanções ocidentais. Putin e Xi assinaram vários documentos, especialmente sobre sua cooperação até 2030. A visita de Xi permite à Rússia mostrar que não está tão isolada.

O porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da China, Wang Wenbin, quando questionado sobre o assunto, disse que o tribunal deveria “manter uma postura objetiva e imparcial” e “respeitar a imunidade jurisdicional dos chefes de Estado sob o direito internacional”, instando o tribunal a evitar a politização e padrões duplos.

Em um gesto desafiador, Putin visitou a cidade ucraniana de Mariupol no domingo, sua primeira viagem ao território capturado da

Ucrânia desde o início da ofensiva em 24 de fevereiro de 2022.

Apesar dos ecos internacionais do encontro sobre a guerra na Ucrânia, o eixo central da visita é econômico: as trocas comerciais entre os dois países aumentaram exponencialmente como resultado da guerra – o gás que Putin vendia à Europa vai agora ao máximo para China a um preço mais baixo – e tudo indica que a Rússia levará muitos anos para reconquistar os mercados europeus. Para a Rússia, o comércio com a China é a opção que resta para o desenvolvimento econômico sem influência americana e europeia.

O EIXO CENTRAL DA VISITA DO LÍDER CHINÊS A MOSCOU É ECONÔMICO: AS TROCAS COMERCIAIS ENTRE OS DOIS PAÍSES AUMENTARAM DEPOIS DA GUERRA

Ao contrário do que têm sugerido os EUA, o Alto Representante da União Europeia (UE) para os Negócios Estrangeiros, Josep Borrell, reiterou que não tem “nenhuma prova” de que a China esteja a fornecer armas à Rússia no contexto da guerra contra a Ucrânia, nem que tenciona fazê-lo.

Ele disse que, se a China estivesse fornecendo armas à Rússia, “nós saberíamos, porque armas são usadas”. Sobre o chamado plano de paz” apresentado pela China durante a Assembleia Geral da ONU, Borrell afirmou: “francamente, é necessário um esforço intelectual muito grande para considerá-lo um plano de paz”. “É antes uma compilação das posições da China sobre o assunto, que são bem conhecidas. Mas não posso ir mais longe na minha avaliação do que falaram, porque não o conheço”, concluiu.

A AMBIÇÃO DE XI: CONSTRUIR UM MUNDO MELHOR

A visita de Estado do presidente Xi Jinping à Rússia, sua primeira viagem ao exterior desde que foi reeleito como presidente chinês, é considerada por Pequim como uma jornada de amizade, cooperação e paz. Além de fortalecer as relações bilaterais, Xi e Vladimir Putin discutiram questões globais importantes, incluindo a crise na Ucrânia.

Os dois líderes assinaram e emitiram uma declaração conjunta e enfatizaram a necessidade de resolver a crise na Ucrânia por meio do diálogo. O lado russo reafirma seu compromisso com a retomada das negociações de paz o mais rápido possível. Nas declarações à imprensa ao lado de Putin no Kremlin, Xi disse que a China sempre encorajou as negociações de paz.

“A China baseou sua posição nos méritos do assunto em si e se manteve firme pela paz e pelo diálogo e pelo lado certo da história”, disse.

É o mais recente esforço da China para desempenhar um papel ativo na construção da paz depois de ter conseguido intermediar uma aproximação entre a Arábia Saudita e o Irã. Em 10 de março, os dois países do Oriente Médio chegaram a um acordo em Pequim para retomar as relações diplomáticas.

Os esforços da China para ajudar os países a “transformar as espadas em arados” incorporam a crença de que a humanidade compartilha o mesmo futuro.

A EROÇÃO DA PAX AMERICANA

Os EUA estão perdendo espaço para a China por conta de sua política exeterna que continua unilateralista, militarista e confrontacionistao. O mundo não é mais como era antigamente



Eppur si muove”, diria Galileu. A Terra se move, dá voltas. A ordem mundial também. Neste início de século, em particular, há uma notável aceleração do tempo histórico. Estão em andamento profundas e céleres mudanças geoeconômicas e geopolíticas. Recentemente, tivemos demonstrações cabais dessas mudanças. Uma delas foi o acordo de pacificação entre a Arábia Saudita e o Irã, intermediado pela China.

Até pouco tempo, o Oriente Médio era considerado uma área de influência praticamente exclusiva dos EUA, e um acordo desse tipo teria sido impossível de se alcançar sem Washington. Não mais. Tudo foi feito sem qualquer intervenção dos EUA e de seus aliados europeus, que se surpreenderam com o sucesso chinês.

A recente reunião de alto nível entre China e Rússia, que aprofundou a relação estratégica entre Beijing e Moscou, é outra demonstração de que a ordem mundial, antes hegemonizada pelos EUA, não é mais a mesma.

Embora a cúpula entre Putin e Xi Jinping não tenha anunciado um concreto projeto de paz para o conflito com Ucrânia, até mesmo porque isso seria impossível sem Kiev e seu tutor, Washington, ela colocou o cese das hostilidades na mesa de negociações e consolidou uma aliança estratégica que tende a se impor na Eurásia.

Evidentemente, boa parte dessas mudanças se deve à extraordinária expansão comercial e econômica da China em todo o mundo. Uma expansão de comércio e de investimentos que é realizada, frise-se, sem quaisquer tipos de condicionalidades político-ideológicas.

Tomemos o exemplo do Oriente Médio. Hoje em dia, a corrente

de comércio entre a China e os países do Conselho de Cooperação do Golfo – Bahrein, Kuwait, Omã, Catar, Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos – já é superior às correntes de comércio entre essa organização e os EUA e a União Europeia somadas.

No que tange ao Irã, peça-chave do grande Oriente Médio, a China concordou, em 2021, em investir US\$ 400 bilhões naquele país nos próximos 25 anos, em troca do suministro de petróleo iraniano. Ademais, essa parceria Irã/China permitirá a construção

**ATÉ POUCO TEMPO,
O ORIENTE MÉDIO
ERA CONSIDERADO
UMA ÁREA DE
INFLUÊNCIA
PRATICAMENTE
EXCLUSIVA DOS
EUA. AGORA,
NÃO É MAIS**

de corredores de transporte e comércio eurásianos, reduzindo a dependência da China e demais países, como Rússia e Turquia, do estreito de Malaca, onde os EUA tem forte presença militar, e do Canal de Suez.

Já a corrente de comércio da China com a África chegou a US\$ 282 bilhões, em 2022. Em contraste, a corrente de comércio entre os EUA e o continente africano mal chega hoje a US\$ 40 bilhões. Além disso, a China está investindo na

África 2,5 vezes mais que todo o Ocidente combinado. Em breve, a China vai substituir a União Europeia como o principal parceiro comercial da África. Os antigos colonizadores perderão seu posto histórico.

Em relação à América Latina, região historicamente submetida à influência da Europa e dos EUA, os números também impressionam. Em 2000, a corrente de comércio da China com nossa região era de apenas US\$ 12 bilhões. Em 2021, tal fluxo de comércio já tinha ascendido a mais de US\$ 430 bilhões.

No caso específico do Brasil, a relação comercial com a China aumentou de US\$ 2,3 bilhões, em 2000, para US\$ 150,2 bilhões, em 2022. Nesse último ano, a China foi responsável por praticamente metade do nosso superávit comercial. O país já é o principal parceiro comercial do Brasil e de toda a América do Sul. Só não é o maior parceiro comercial de toda a América Latina por causa do México, país que tem um grande volume de trocas comerciais com os EUA – US\$ 779,3 bilhões, em 2022.

Contudo, esse grande volume de trocas comerciais entre esses dois países é enganoso. Na realidade, a maior parte desse comércio é de trocas entre os próprios EUA. Os bens são fabricados nos EUA, entram no México, são embalados ou montados, e regresam aos EUA. Em média, o México agrega apenas 28% de valor ao que exporta.

No caso de regiões mais próximas da China, como o Sudeste Asiático, o crescimento da influência chinesa é ainda mais avassalador. Em 2000, o comércio da China com a ASEAN, bloco que reúne os países do Sudeste Asiático, era de somente US\$ 29 bilhões. Já em 2020, essa corrente de comércio tinha aumentado para US\$ 670 bilhões, o dobro do comércio daquele bloco com os EUA.

Segundo cálculos do Lowy Institute, no ano 2000, os EUA eram, de longe, o líder comercial global. Naquele ano, 80% das nações comerciavam mais com os EUA do que com a China. Em 2018, porém, a situação já tinha se invertido. Os EUA eram o principal parceiro comercial em somente 30% dos países. A China já tinha ultrapassado os EUA em 128 dos cerca de 190 países do mundo.

Entretanto, essa ascensão meteórica da China conta com um aliado: os próprios EUA. A China se tornou uma potência de influência mundial não apenas por causa do seu apetite por commodities e outros insumos, mas também porque pratica uma política externa bastante habilidosa e pragmática. Como assinalamos, a China comercializa e investe no mundo sem condicionalidades político-ideológicas, ou mesmo condicionalidades macroeconômicas.

Para a China, a cor do gato continua a ser indiferente. Ademais, a China não tem pretensões de hegemonia hard e não impõe modelos. Ao contrário dos EUA e da Europa, não aponta dedos e não dá lições de moral, de macroeconomia ou de democracia a ninguém. Investe muito também em cooperação, como ficou evidente na pandemia. Parece sinceramente comprometida com o multilateralismo e com uma ordem mundial multipolar e pacífica.

Já a política externa dos EUA – sai republicano, entra democrata, entra republicano, sai democrata – continua essencialmente unilateralista, militarista e confrontacionista. Enquanto a China oferece comércio, investimentos e cooperação, os EUA, com frequência, impõem isolamento diplomático, sanções econômicas e comerciais e, por vezes, intervenções militares.

Claro que os EUA também comercializam, investem e cooperam, mas são bem mais seletivos,

política e ideologicamente. Os gatos norte-americanos têm cores preferenciais.

Outro fator que parece estar estimulando a expansão da China no mundo é o crescente protecionismo dos EUA. Com efeito, ao contrário da China, que se expande pelo planeta, os EUA estão se voltando para dentro.

Donald Trump já havia implantado o America First e abandonado a Parceria Transpácífica (Trans-Pacific Partnership, TPP). Agora, Biden aposta suas fichas estratégicas na internalização das cadeias

A CHINA É PRAGMÁTICA. ADEMAIS, NÃO TEM PRETENSÕES DE HEGEMONIA HARD E NÃO IMPÕE MODELOS, AO CONTRÁRIO DOS EUA E DA EUROPA

de valor. Como disse ele no seu último discurso sobre o Estado da União, as grandes cadeias de produção e valor vão voltar a ter sua base nos EUA.

A isto que se chama reshoring, ou regresso da produção ao seu território, os EUA também agregam a aposta no nearshoring, ou produção nas vizinhanças. Não obstante, essa segunda estratégia tende a beneficiar poucos países. Até agora, somente o México está lucrando alguma coisa com isso.

No campo da cooperação, os EUA também não parecem dispostos a ceder muita coisa. No caso da cooperação com o Brasil em meio ambiente, mediante participação no Fundo Amazônia, foram prometidos, até agora, apenas US\$ 50 milhões. Uma ninharia. Ainda assim, há congressistas norte-americanos que querem impor sanções ao Brasil, em razão da passagem de navios iranianos por aqui.

Essa combinação de crescente nacionalismo e protecionismo econômico com unilateralismo político e diplomático obviamente abre espaço para que a China e outros países, como a Rússia, projetem seus interesses com mais força no mundo.

Os EUA ainda são a maior potência econômica e militar do planeta, mas já não reinam inconteste e absolutos, como na década de 1990 e no início deste século. A Pax Americana vem sendo erodida com celeridade.

O atual conflito na Ucrânia, que antepõe EUA e OTAN à Rússia, tende a reforçar essa tendência, pois é um contencioso que está prejudicando fortemente os aliados europeus de Washington, ao mesmo tempo em que reforça a aliança entre Beijing e Moscou.

O mundo mudou, ocorreram significativos câmbios geoeconômicos e geopolíticos e surgiram novos atores de relevo no cenário internacional. Mas isso não explica tudo.

Em boa parte, a erosão da Pax Americana é causada pelos próprios EUA e sua política externa belicosa e unilateralista, bem como por seu recente protecionismo econômico. John F. Kennedy disse que “a política doméstica pode nos derrotar; já a política externa pode nos matar”. E está. •

Sociólogo, é especialista em Relações Internacionais e assessor da liderança do PT no Senado



30 de março de 1964

NO ÚLTIMO DISCURSO, JANGO ANTEVÊ O GOLPE

Convidado de honra de um ato promovido pela Associação dos Sargentos e Suboficiais da Polícia Militar na sede do Automóvel Clube do Rio de Janeiro, João Goulart discursa em defesa de seu governo e das Reformas de Base. Auxiliares do presidente haviam aconselhado-o a não comparecer devido à radicalização da crise nas Forças Armadas, mas Jango decidiu estar presente no ato.

Foi a última aparição em público do presidente constitucional, que seria deposto 48 horas depois. Muito tenso e falando de improviso, o presidente denunciou o "clima de intrigas e envenenamento" que grupos poderosos

tentavam criar. Ele defendeu as reformas de base, associando-as à doutrina social da Igreja Católica, como já havia feito no comício de 13 de março na Central do Brasil, e garantiu o estrito cumprimento da Constituição.

Numa clara alusão a entidades como o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (Ibad), que financiavam partidos e parlamentares da oposição, Jango alertou para a manipulação dos "grupos de pressão que hoje controlam facções políticas, agências de publicidade e órgãos de cúpula das classes empresariais". E finalizou: "O presidente não vacilará um instante sequer na execução de todas as leis e todos os decretos".

as em um ato contra o fascismo, o imperialismo e pelos direitos da cidadania. O líder comunista Luís Carlos Prestes é aclamado no evento o presidente de honra da organização.

27/03/1982: Realizado em São Paulo o 2º Encontro Nacional do Partido dos Trabalhadores. (PT)

30 de março de 1982

NASCE A DEMOCRACIA CORINTHIANA

Em meio à ditadura militar, iniciou-se no Corinthians o período denominado de Democracia Corinthiana. O movimento, que durou de 1982 até 1984, foi encabeçado por jogadores consagrados, como Sócrates, Wladimir, Casagrande, Biro-Biro, Zé Maria e Zenon.

Além disso, o Corinthians passou a ser gerido de uma forma revolucionária. Decisões importantes no dia a dia do clube, como contratações, escalações e regras internas eram decididas em conjunto. Todos os votos tinham o mesmo peso, do roupeiro ao técnico da equipe, Mário Travaglini.

29 de março de 2010

LULA LANÇA NO PALÁCIO DO PLANALTO O PAC 2

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva lança, em solenidade no Palácio do Planalto o PAC, prevendo recursos da ordem de R\$ 1,59 trilhão em investimentos em seis áreas: Cidade Melhor, Comunidade Cidadã, Minha Casa, Minha Vida, Água e Luz para todos (expansão do Luz para Todos), Transportes e Energia.

Esta seção é fruto da parceria entre o Centro Sérgio Buarque de Holanda, da FPA, o Memorial da Democracia e o Instituto Lula. Envie suas sugestões por e-mail para memoria@fpabramo.org.br ou memorialdademocracia.com.br

Outras datas históricas

25/03/1922: Fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB).

30/03/1935: A Aliança Nacional Libertadora (ANL), a frente ampla que agrega socialistas, comunistas, católicos e democratas, reúne no Rio de Janeiro 10 mil pesso-

CPDoc/JB



28 de março de 1968

‘MATARAM UM ESTUDANTE. PODIA SER SEU FILHO’

Um tenente da Polícia Militar matou com um tiro o estudante secundarista Edson Luís de Lima Souto, de 17 anos. O crime foi cometido durante invasão policial ao restaurante Calabouço, no Rio, onde estudantes protestavam contra a má qualidade da comida. Outros seis jovens foram baleados. A violência policial desencadeou uma onda nacional de protestos contra a ditadura, com forte apoio da classe média. O enterro de Edson Luís marcou o início da ascensão do movimento estudantil no país, que iria culminar na Passeata dos Cem Mil, em 26 de junho.

Em 28 de março, por volta das 18h, a PM dispersou uma manifestação que pretendia alcançar o prédio da Assembleia Legislativa. Os estudantes se abrigaram dentro do restaurante. Às 18h30, o tenente Aloísio Raposo comandou a invasão. Deu ordens para “quebrar tudo” e atirou à queima-roupa no peito de Edson Luís. Os jovens reagiram com paus e pedras, fazendo a polícia recuar. Para impedir que a PM desaparecesse com o corpo no Instituto Médico Legal, os estu-

dantes o carregaram nos braços até a Assembleia, onde dois médicos realizaram a autópsia. Coberto com a bandeira do Brasil e com cartazes de protesto, o corpo de Edson Luís foi velado no saguão do prédio.

No fim da tarde de 29 de março, cerca de 50 mil pessoas acompanharam o cortejo fúnebre até o cemitério em Botafogo, onde Edson Luís foi enterrado ao som do Hino Nacional e aos brados de “Mataram um estudante. Podia ser seu filho”. Naquele dia, houve manifestações de protesto contra a ditadura e greve geral de estudantes em todo o país.

O Rio praticamente parou no dia do sepultamento. Os espetáculos de teatro foram suspensos em solidariedade por parte dos artistas. Numa alusão à violência, os letreiros da Cinelândia exibiam os títulos de três filmes: “A Noite dos Generais”, “À Queima-Roupa” e “Coração de Luto”. Cartazes e pichações continham frases como “Os velhos no poder, os jovens no caixão”, “Bala mata fome?” e “Abaixo a ditadura”.

31 de março de 2014

DIA MUNDIAL DA VISIBILIDADE TRANS

O Dia Internacional da Visibilidade Transgênero (Transsexuais, Travestis e pessoas Não-Binárias), dedica-se não somente a celebração das existências Trans, mas também a resistência e conscientização sobre a discriminação enfrentada por essas pessoas cotidianamente.

De acordo com a Associação Nacional de Travestis e Transexuais, “a data foi fundada pela ativista trans Rachel Crandall, de Michigan, como uma reação à falta de compromisso da sociedade em relação aos direitos das pessoas Trans, inclusive LGB+ (lésbicas, gays, bissexuais e demais existências), e vem sendo comemorada globalmente desde 2014, ganhando mais espaço a cada ano.

Além de comemorar as contribuições dessa comunidade para a sociedade, a data visa jogar luz sobre a luta das pessoas Trans na busca de cidadania e direitos”.

Vale ressaltar que o Brasil é o país que mais mata pessoas transgênero no mundo, de acordo com dados da Transgender Europe. Portanto, é de suma importância que busquemos, todos os dias, combater a transfobia, estigmas e diversas violências que assolam a comunidade Trans, para vislumbrarmos uma sociedade mais justa, respeitosa e equânime para todas as pessoas.



O GOLPISMO NÃO MORREU

Um dos grandes desafios do governo Lula e das forças progressistas que o apoiam consiste em destruir a herança maldita da ditadura militar. A história mostra como atuam a direita e as Forças Armadas para deter o avanço da esquerda

Valter Pomar *

Em torno de mais um 1º de abril, vale a pena re-visitare a história. No dia 3 de outubro de 1960, Jânio Quadros venceu as eleições com 5.636.623 votos. Marechal Lott recebeu 3.846.825 votos. Ademar de Barros alcançou 2.195.709 votos. O to-

tal de votantes, incluindo quem votou em branco ou anulou, foi de 12.586.354, menos de 1/5 da população total do Brasil em 1960, calculada em 70.992.343 pessoas.

A legislação vigente naquela época permitia que presidente e vice-presidente fossem eleitos separadamente. Por este motivo, o vice-presidente eleito em 3 de outubro de 1960

foi João Goulart, que concorrera na chapa encabeçada pelo Marechal Lott. Jânio Quadros e João Goulart tomaram posse em 31 de janeiro de 1961. Poucos meses depois, em 25 de agosto de 1961, Jânio Quadros renunciou à Presidência.

A direita política e militar buscou impedir a posse do vice-presidente João Goulart, que no momento da renúncia

encontrava-se em visita oficial à República Popular da China. A esquerda desencadeou uma “campanha pela legalidade” para garantir a posse de João Goulart na Presidência.

Assim que Jango regressa da China ao Brasil, em 1º de abril, as forças da direita acenam com um acordo: João Goulart tomara posse na Presidência da República, mas quem governaria seria um primeiro-ministro, Tancredo Neves.

No dia 2 de setembro de 1961 o Congresso aprovou uma lei convertendo o Brasil ao parlamentarismo. Pouco tempo depois, no dia 6 de janeiro de 1963, um plebiscito popular reintroduziu o presidencialismo. E vários sinais indicavam que a esquerda venceria as eleições presidenciais marcadas para o ano de 1965. Os setores de direita reagiram preventivamente, com o golpe militar de 1º de abril de 1964.

A ditadura militar acabou com as eleições diretas para presidente, que só retornariam em 1989. Então, o primeiro turno da eleição presidencial foi convocado para o dia 15 de novembro e o segundo turno previsto para o dia 17 de dezembro de 1989.

Para a maior parte do eleitorado brasileiro, a eleição presidencial de 1989 foi a primeira oportunidade de escolher o presidente da República. O primeiro turno das eleições foi disputado por 22 candidatos, dos quais 18 eram patrocinados por um único partido, sem qualquer tipo de coligação. O segundo turno da eleição presidencial de 1989 foi disputado entre Fernando Collor e Lula.

Pela primeira vez na história do Brasil, um operário militante de um partido socialista chegou às portas da Presidência da República. Mas foi Fernan-

do Collor de Mello, um playboy apoiado pelo establishment, quem ganhou as eleições, ainda que por relativamente pouco: 35 milhões (53,03%) contra 31 milhões de votos (46,97%).

Importante registrar que mais da metade da população brasileira teve direito a participar do processo eleitoral: 82.074.718 eleitores numa população total pouco inferior a 143 milhões. E até hoje é assim: a maioria

COMO TERIA SIDO O BRASIL, SE A DITADURA NÃO TIVESSE OCORRIDO? ELA INTERROMPEU UM PROCESSO DE AVANÇOS E LIBERDADES

da população brasileira tem o direito de votar. E nas nove eleições realizadas com base neste universo, o PT venceu cinco (2002, 2006, 2010, 2014, 2022) e ficou em segundo lugar em quatro (1989, 1994, 1998, 2018).

Como teria sido o Brasil, caso a ditadura militar não tivesse ocorrido? Não saberemos nunca. Mas sabemos que a ditadura interrompeu um processo que, se tivesse tido curso, poderia resultar em reformas estruturais (conhecidas na época como as reformas de base), maior sobe-

rania nacional, maior desenvolvimento e mais liberdades democráticas.

Também sabemos que a ditadura, para além dos crimes que cometeu, deixou uma herança maldita para a imensa maioria do povo brasileiro. Parte importante desta herança está materializada na permanente pressão das Forças Armadas, no sentido de serem um poder moderador. A herança também se faz presente na militarização da segurança pública, que trata como inimigas amplas parcelas do povo.

Um dos grandes desafios do governo Lula e das forças de esquerda que o apoiam consiste em destruir a herança maldita da ditadura militar. Além de mudanças nas polícias, precisamos de Forças Armadas despartidarizadas, mas politicamente comprometidas com a defesa da soberania nacional contra inimigos estrangeiros. Isso passa, entre outras medidas, por alterar o que está no artigo 142 da Constituição. E passa por formar uma nova oficialidade, totalmente diferente da atual, majoritariamente contaminada pela extrema-direita e submissa ao imperialismo.

Desde 1989 até hoje, os governos democraticamente eleitos não quiseram ou não tentaram fazer isso. Um dos preços que pagamos por isso foi ver um cavernícola vencer as eleições presidenciais de 2018 e chegar perto disso em 2022. Outro preço foi o apoio dado por muitos comandantes militares à Intentona de 8 de Janeiro. Por estes e por outros motivos, não há escapatória: é preciso enfrentar a questão militar. •

* Professor da Universidade Federal do ABC, é diretor da Fundação Perseu Abramo e membro do Diretório Nacional do Partido dos Trabalhadores



AS LIÇÕES DE UM GOLPE QUASE SESENTÃO

Olimpio

Em 1 de abril de 1964, militares depuseram um presidente eleito democraticamente para proteger os interesses da elite econômica, com resultados desastrosos. A história não perdoa

Na manhã de 31 de março de 1964, um obscuro comandante de Infantaria em Minas Gerais botou a tropa em marcha para percorrer os quilômetros entre a cidade de Juiz de Fora e o Rio de Janeiro. O gesto do general Olímpio Mourão Filho precipitou a adesão de outros chefes militares ao que ficou conhecido como Golpe Militar de 1964 e resultou numa longa noite de mais de duas décadas de terror, arbítrio e exceção.

Ainda neste mesmo dia de março, o general Arthur da Costa e Silva declarou-se ministro da Guerra (Exército). O que os

militares então chamavam com o nome de “revolução”, nome que perdurou como justificativa e desculpa para os golpistas, nada mais era do que uma conspiração urdida pela elite militar e econômica para impedir, sobretudo, que o então presidente João Goulart implantasse uma série de medidas, as chamadas Reformas de Base, que procuravam atender reivindicações de trabalhadores urbanos e rurais.

No ano de 1964, a sociedade brasileira estava, como se diz hoje, extremamente “polarizada”. De um lado, o governo de Jango, do Partido Trabalhista Brasileiro, que tendia a ampliar os direitos estabelecidos no gover-

no de Getúlio Vargas, e demais partidos de centro-esquerda, com as centrais sindicais e governadores progressistas, como Miguel Arraes, de Pernambuco, e Leonel Brizola, do Rio Grande do Sul. De outro, a oposição, representada no Congresso pela União Democrática Nacional e pelos setores mais conservadores das oligarquias, sobretudo as do Sudeste, que tinham apoio das Forças Armadas.

O clima político foi subindo de tom ao longo de todo o mês de março. Jango seguia radicalizando a trilha nacionalista, criando a Eletrobrás, primeira estatal para geração e distribuição de energia elétrica, e restringindo a

remessa de lucros de empresas estrangeiras para o exterior. Em 13 de março de 1964, no Comício da Central do Brasil, ao qual estima-se que compareceram 300 mil pessoas, ele assina decretos de encampação de refinarias, tabelamento de aluguéis e desapropriação das margens de rodovias para a reforma agrária. O troco da oposição foi a organização da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, na qual senhoras e senhores católicos foram às ruas de São Paulo pedir a deposição do governo “comunista”. Qualquer semelhança com os anos bolsonaristas não será mera coincidência.

Em 25 de março, o ministro da Marinha, na tentativa de reprimir a realização de uma assembleia de marinheiros e fuzileiros navais, criou um motim. A tropa de fuzileiros que foi destacada para ir prender os líderes da Associação dos Marinheiros e Fuzileiros acabou aderindo aos colegas rebelados. Jango anistiu os marinheiros, o que foi considerado quebra de hierarquia militar.

A tensão do então presidente com as Forças Armadas atingiu seu ápice na noite de 30 de março, antevéspera do golpe, quando Jango, querendo angariar apoio entre oficiais de baixa patente, denunciou as articulações golpistas em discurso na Associação dos Sargentos e Suboficiais da Guanabara (como então chamava-se o estado do Rio de Janeiro).

Quando, no dia seguinte, os generais do Exército começaram a se movimentar, o golpe militar já estava francamente em curso e só faltava o epílogo institucional, que veio na forma da declaração falsa de que a Presidência da República estaria vaga, pois o presidente já teria fugido do

país. O arroubo golpista foi então presidente do Senado, Auro Moura Andrade. Tancredo Neves, que acompanhava a sessão, esbravejou: “Canalha”. Jango, de fato, acabou indo exilar-se no Uruguai.

A repressão aos movimentos populares começou logo em abril de 1964. Prisões arbitrárias, violência à luz do dia, como a sofrida pelo líder comunista e ex-deputado Gregório Bezerra. Ele foi amarrado a um jipe do exército e arrastado pelas ruas do Recife. Houve ainda a perseguição à imprensa livre, aos sindicalistas e militantes de esquerda. Esses ou entraram na clandestinidade ou partiram para o exílio. Políticos progressistas e ligados ao governo de João Goulart buscaram asilo em embaixadas.

Em 9 de abril, os ministros militares se auto intitularam o Comando Supremo da Revolução e editaram o primeiro dos vários atos institucionais, que instalaram a exceção e permitiram a quebra da democracia. O Ato Institucional Nº 1 suspendeu as garantias constitucionais, determinou a eleição indireta via Congresso do presidente para completar o mandato de João Goulart (até janeiro de 1966) e poderes para mudar a Constituição. Junto com o AI-1, a primeira e vasta lista de cidadãos oficialmente perseguidos pelo governo militar. Parlamentares, militares “legalistas”, sindicalistas e intelectuais tiveram seus direitos políticos cassados por dez anos.

As cassações manietaram o Congresso, que entregou a Presidência ao general Castelo Branco no dia 15 de abril de 1964. Outros atos institucionais viriam logo em seguida, um deles para quebrar a promessa do AI-1 de novas eleições em 1965 – Cas-

telo Branco ficaria no poder até 1967. Sob o governo de seu sucessor, Emílio Garrastazu Médici, armou-se a fase mais violenta do regime, com a decretação do AI-5 em 1968 e a organização do aparato repressivo, que prendeu, torturou, assassinou e fez desaparecer milhares de brasileiros.

A Ditadura Militar instaurada em 1964 só veria as primeiras luzes da democracia 21 anos depois, quando Tancredo Neves, do partido de oposição consentida, o MDB, foi eleito indiretamente. Tancredo nunca assumiria, pois morreu antes da posse. Em seu lugar, o vice José Sarney tornou-se presidente. O prego final no caixão da ditadura institucional só viria com as eleições diretas em 1989 e com o fim do bipartidarismo.

A sociedade civil demoraria ainda a se recuperar do golpe. Além do rastro de sangue da repressão política – centenas de milhares de pessoas foram presas, dezenas de milhares torturadas, mais de 400 brasileiros foram mortos, dos quais muitos deles são considerados desaparecidos até hoje –, o golpe deixou os ricos mais ricos, e os pobres mais pobres, aumentando a desigualdade histórica. A cultura, as artes, a ciência sofreram censura explícita e velada. Direitos de reunião, manifestação, de associação e de expressão foram suprimidos, atrasando os processos políticos populares por anos.

No entanto, a população brasileira resistiu como pode aos anos da ditadura e não ficou calada. A reconquista das liberdades democráticas e dos direitos tomados do povo foi fruto de muita luta, muita reinvenção política e, sobretudo, da consciência de que a democracia é uma construção coletiva e permanente. •

NARA

POPULAR

Nara Leão se afastou da Bossa Nova e se aproximou da cultura popular alardeada pelos CPCs da UNE



centro popular de cultura
o povo canta



o povo canta
o povo canta
o povo canta

Fotos: Reprodução

AS VITROLAS EM 1964

Das bossas novas e não tão novas assim passando pela canção de protesto, o cenário da música brasileira era ainda comportado e careta quando veio então o golpe militar. E aí mudou tudo

Bia Abramo

Na historiografia clássica da música popular brasileira, costuma-se atribuir uma atenção demasiada a dois movimentos musicais da década de 1960: a Bossa Nova e o Tropicalismo. Em que pese o caráter inovador de “Chega de Saudade” (1958), de João Gilberto e à movimentação que se seguiu em torno de violões em apartamentos da Zona Sul carioca, a Bossa Nova “eram”, na verdade, eram muitas. Quanto à Tropicália, que participa do cenário musical a partir da segunda metade dos anos 1960 com sua estridência necessária e urgente, implode uma certa tradição e, acaba, depois do recrudescimento do regime com AI-5 em 1968, por criar outra, a da MPB.

Esquecidos por razões que

se relacionam com o preconceito social e cultural, o som suburbano e aparentemente mais descerebrado da Jovem Guarda e a pretensão de “levar a (alta) cultura” ao povo da “canção de protesto” costumam ficar numa espécie de purgatório. O que escapa às torcidas organizadas de então – e ainda de agora – é que, por trás da avalanche de canções marcantes, talentos revelados e música apenas linda que foi gerada naquela década, havia uma disputa de públicos pagantes, das rádios ao disco, dos discos à televisão, da televisão aos shows, que passava ao largo de movimentos, estéticos ou ideológicos, da “arte” ou da “alta cultura” e, pior ainda, da revolução.

Antes de 1964, um grupo de construtores da Bossa Nova, especialmente Carlos Lyra, se afastou da “leveza” das letras contemplativas de João Gilberto e Tom

Jobim e se aproximou das temáticas dos Centros Populares de Cultura da UNE. Atuando em vários campos da cultura, os CPCs atraíam estudantes e professores universitários para conhecer a cultura popular e, em movimento complementar, dar condições para que “o povo” saísse de sua alienação ingênua, dando formas mais apuradas – e de classe média. Mesmo que houvesse uma ingenuidade profunda, não na arte do povo – lida de forma muito rasa como equivalente ao “folclore” –, mas na formulação intelectual, o fato é que se criou a partir dos CPCs alguma circulação real do que, hoje em dia, se chamaria de centro-periferia.

No exato ano do Golpe de 1964, em 31 de março – ou 1º de abril a depender de quem escreve –, o Conjunto CPC lançou um compacto duplo chamado “O Povo Canta”, com duas faixas: de



Reprodução

OPINIÃO A jovem Maria Bethânia (ao centro) estreou nos palcos em 1964 ao lado de João do Vale (à esquerda) e Zé Ketti (à direita) em evento do CPC

um lado, "Subdesenvolvido", de Carlos Lira e Francisco de Assis, e, do outro, "João da Silva", de Billy Blanco, na voz de Nora Ney. Com letras declaradamente panfletárias (*"João da Silva, cidadão sem compromisso/Não manja disso que o francês chama l'argent./ Pagando royalty, dinheiro disfarçado"*), as canções tiveram uma vida curta, ainda que incendiária.

Esse caldo de cultura juntou Nara Leão, que gravou seu primeiro LP naquele mesmo ano, a Carlos Lira, Baden Powell e Vini-

cius aos sambistas Cartola, Nelson Cavaquinho e Zé Kéti. De uma tacada, Nara, além de gravações primorosas de "O sol nascerá" (Cartola), "Luz negra" (Nelson Cavaquinho e Amâncio Cardoso) e "Diz que fui por aí", juntou boêmias de classes sociais distintas e deu uma banana à Bossa Nova.

Jair Rodrigues, que defenderia nos festivais da Record "Disparada" (Geraldo Vandré), ainda era um cantor veterano de programas de calouros, mas no ano em que começa a longa noite da

Ditadura Militar no Brasil, conseguiu gravar e lançar dois discos: "O Samba Como Ele É" (cujo hit é da dupla Vinicius e Tom Jobim) e o "Vou de Samba com Você", no qual ele registrou no vinil seu samba "Deixa Isso Prá Lá", ponto alto de seus shows em boates.

A Bossa Nova

mais classica resistia na forma dos afrosambas, fruto de uma parceria entre Vinicius e o extraordinário instrumentista Baden Powell, ainda em gestação – o disco homônimo da dupla só sairia em 1966 –, mas algumas canções já circulavam, como "Berimbau", gravada pelo grupo vocal feminino Quarteto em Cy.

É de 1964 também o terceiro álbum de estúdio de Roberto Carlos "É Proibido Fumar". O futuro "Rei", que já se firmava como um crooner e era ídolo de moças e rapazes, enseja uma letra de "rebelia juvenil" com a canção que dá título ao disco. De resto, ainda que simpático e precursor de uma certa tradição roqueira que se ensaiava ali, é um disco típico da Jovem Guarda: versões de sucessos estrangeiros (notável ali apenas "Desamarre o meu coração", versão de "Unchain my heart", de Ray Charles), romantismo para dançar lento e alguma agitação para dançar rápido.

Nas canções de Roberto e Erasmo, no entanto, estaria embutida uma onda nova, percebida por Maria Bethânia quando se mudou de Salvador para o Rio de Janeiro a fim de substituir Nara no show "Opinião", ainda em 1964. Ela estrearia nos palcos ao lado do maranhense João do Vale, autor de "Carcará", e do sambista carioca Zé Keti Bethânia foi quem chamou a atenção do irmão mais novo, Caetano Veloso, para a importância da linguagem mais juvenil, dos instrumentos elétricos e da performance de palco da Jovem Guarda.

Ao contrário do muito que romantiza sobre a influência dos Beatles no grupo tropicalista, foram as luzes da Jovem Guarda que avisaram que a defesa muito fechada da tradição e do nacional-popular estavam estética e ideologicamente mais alinhadas com os militares do que com o povo brasileiro. •



O 'GENIOZINHO' DO SOUL

Tim Maia, o artista que morreu há 25 anos, viveu 55 anos de suíngue, soul e funk e deu novos sentidos à música negra no Brasil

Bia Abramo

Tim Maia morreu num 15 de março. No dia em que completaram-se 25 anos da morte do artista em 2023, o ECAD (órgão arrecadador de direitos autorais de música) fez um levantamento das 10 músicas que persistem na memória de brasileiras e brasileiros. O ranking pode servir de guia para compreender a importância do músico nos corações, mentes e quadris da pátria mãe gentil.

Negro nascido na Zona Norte do Rio de Janeiro, Tim era dono de um talento musical impressionante. Aos trancos e barrancos, dado um ambiente que só compreendia a contribuição dos negros ao samba – e olhe lá –, ele construiu uma carreira complexa & linda,

trilhando praticamente sozinho o caminho do soul e do funk.

Embora fosse multi-instrumentista, arranjador e produtor, como James Brown, ele usava a voz, que vinha grave e suave, como seu principal instrumento. E, na direção oposta de seu contraparte norte-americano chamado de “o padrinho do soul”, a Tim Maia foi reservado o epíteto mais familiar e carinhoso de “o pai do soul à brasileira”.

O tijucano Sebastião Rodrigues Maia formou seu primeiro grupo, The Sputniks, na onda do rock anos 1950 brasileiro, que acabou por tomar o nome de Jovem Guarda. Enquanto a juventude da orla fazia a Bossa Nova, os suburbanos, colados no rádio e nas poucas TVs, estavam ligados no que vinha da gringa; baladas românticas, pegada ro-

queira, barulho e confusão juvenil comportada.

The Sputniks, grupo formado em 1957 no qual o igualmente ultrajovem Roberto Carlos cantou, chegou a apresentar-se em programa musical na hoje extinta TV Tupi. Na virada para a década de 1960, o então adolescente Tião foi para os Estados Unidos, onde estudou inglês e conviveu com o início da explosão do soul estadunidense.

O soul americano seria responsável pelo primeiro grande fenômeno de crossover na cultura de massa norte-americana, o termo para o qual não há equivalente em português designa a capacidade de manifestações culturais de migrarem entre dois nichos de público. Nos EUA, nos anos 1950, por conta das leis de segregação racial, apesar da pulsação inten-

sa da música negra desde pelo menos os anos 1930, os públicos não se misturavam – ou, ao menos, não com a intensidade que o soul faria nos anos 1960. Além de emergir num ambiente musical novo e diverso, Tim sofreu as agruras de ser negro, imigrante e, ao menos no início dos quatro anos que passou nos EUA, pelas dificuldades com a língua.

Na volta ao Brasil, Tim volta a se associar com a porção mais permeável às influências estrangeiras: compôs para a dupla Roberto & Erasmo Carlos, gravou com Os Mutantes em São Paulo. Apesar da efervescência cultural em, em praticamente todas as áreas da cultura, duas características de Tim, a inescapável negritude num país que ainda nem sequer se entendia como racista e a bagagem do soul e do funk deixavam ele numa situação complexa no cenário musical.

A Bossa Nova iria, de certa forma, se dissolver nas águas do Tropicalismo, a Jovem Guarda estava produzindo estrelas milionárias e efêmeras, em alguns casos. Para piorar, o Brasil sofreu um Golpe Militar em 1964, que recrudesceria em 1968.

Tim, no entanto, foi abrindo caminho como pode, e lançou compactos aqui e ali até chegar ao primeiro LP, em 1970, chamado apenas Tim Maia. Nessa década, foram oito discos em apenas seis anos, todos chamados “Tim Maia” e variações. A variação vale um parêntese: entre 1974 e 1975, Tim aderiu à uma doutrina chamada Cultura Racional.

Compôs, produziu e gravou dois álbuns baseados nos ensinamentos do guru. Diante da recusa da gravadora em lançá-lo, Tim fez produção independente (comprou as fitas e fundou um selo) e os discos, brilhantes, conseguiram circular por algum tempo. Quando Tim deixou a seta, ele mesmo mandou recolher.

AS DEZ MAIS

Tim Maia tem 205 composições registradas nos bancos de dados da Ecad, e suas músicas foram gravadas quase 700 vezes por outros artistas.

1. Não Quero Dinheiro (Tim Maia)
2. Você (idem)
3. Azul da Cor do Mar (idem)
4. Do Leme ao Pontal (idem)
5. Sossego (idem)
6. Vale Tudo (idem)
7. Não Vou Ficar (idem)
8. Imunização Racional (idem)
9. Réu Confesso (idem)
10. Ela Partiu - Tim Maia / Beto Cajueiro

Até os anos 1990, na transição do vinil para o CD, os dois álbuns eram daqueles muito comentados, mas pouco ouvidos.

Essa fase de intensa criatividade e cada vez maior apuro técnico dos 1970, e que legou canções daquelas imprescindíveis e álbuns inteiros quase que sem reparos, foi conquistando admiradores por um Brasil que, à época, não se via muito. Tim tocava nos bailes negros das grandes cidades brasileiras, na domingueiras de clubes de bairros menos ricos e fascinava pela musicalidade tão brasileira e tão parecida com o que se ouvia em inglês. Numa época de nacionalismo quase unânime na cultura brasileira, não era pouco.

Quem teve o privilégio de ver Tim Maia ao vivo, podia esperar duas coisas: atrasos injustificáveis e irritantes, mas também poderíamos ver shows que não acabavam naquela 1h, 1h30 protocolar. Rigorosíssimo com a qualidade de som, as reclamações com aquela voz potente que o pai do soul à brasileira fazia em relação ao “retorno” viraram bordão & piada.

Tim, na década seguinte, tinha

alcançado alguma respeitabilidade entre pares e enfileiraria hit atrás de hit: “Do Leme ao Pontal”, “Vale Tudo” (com Sandra de Sá), “Me Dê Motivo”, “Um Dia de Domingo” (com Gal Costa), e “Descobridor do Sete Mares”.

Cantando baladas românticas, como “Me Dê Motivo” ou suingando e fazendo plateias enormes cantarem um refrão tão aleatório como “tomo guaraná, suco de caju/goiabada para sobremesa” (“Do Leme ao Pontal”), o músico alcançou um lugar de prestígio até então inaudito. A geração do rock brasileiro dos anos 1980, que tinha crescido ouvindo MPB, incluindo a MPB negra – Jorge Ben, Luiz Melodia e Tim –, também reverenciava o mestre.

Entre brigas com gravadoras e problemas de abuso de substâncias, entre as legais e as ilegais, Tim entrou numa fase mais conturbada nos anos seguintes. Fez lindos discos, como aquele em que canta Bossa Nova, menos shows, devido a problemas de saúde, mas, de certa forma, sua música passou a ser melhor compreendida e acolhida. Sua curiosidade enorme, a diversidade que imprimiu às suas chamadas influências e a química peculiar de discos e apresentações ao vivo caíam bem num momento cultural e político também de reconstrução da democracia.

Em entrevista publicada na edição brasileira da revista Playboy, Tim foi sabatinado pelo então editor especial Ruy Castro. Depois de responder a perguntas sobre João Gilberto (“é um geniozinho, mas precisa ser mais humilde”), Roberto Carlos (“inteligente, batalhador e canta mais ou menos”), ele chega uma auto-definição: “Por enquanto é um sujeito que, em vez de estar dormindo com uma Miss Brasil maravilhosa até às 9 da manhã, acaba dormindo com uma prostituta que sai correndo às 6h43 e ainda leva quinzinho. Mas isso vai mudar”. •



AS JOIAS DO U2 NA TELINHA

Bono e Edge recebem David Letterman em Dublin para relembrar a carreira de uma das maiores bandas de rock de todos os tempos. Grupo irlandês também lança disco

Olímpio Cruz Neto

O U2 está revisitando seu cancionário. Em 17 de março, lançou o disco "Songs of surrender", em que revisita 40 canções de seu repertório icônico. E, no mesmo dia, colocou o vocalista Bono e o guitarrista The Edge frente ao apresentador David Letterman para o documentário "A Sort of Homecoming", disponível na plataforma da Disney. O disco é legal, mas nada surpreendente. Mas o documentário vale à pena.

Letterman foi até Dublin para entrevistar os dois músicos – amigos desde crianças –, enquanto colhe depoimentos de pessoas comuns que vivem na Irlanda, pessoas próximas da banda. O

lendário apresentador é reverente em relação à música do U2 e aos membros da banda durante a maior parte do especial.

Os dois músicos lembram como eram no início do grupo, ainda nos anos 70, e porque o U2 conseguiu colocar suas canções de protesto – "Sunday, bloody sunday" narra o ataque das tropas britânicas que atiraram e mataram manifestantes de direitos civis em Derry, mostrando quão importante o conflito político na Irlanda do Norte teve para a formação da banda – no topo das paradas.

Grande parte do foco do filme está em como as divisões religiosas e políticas na Irlanda diminuíram ao longo de 45 anos, mas foram incisivas na formação do país. Bono relembra a forma-

ção do país, desenha para Letterman a linha da fronteira que divide as duas Irlandas e mostra que a crise política existencial do país ainda segue sendo uma incógnita.

Mas o documentário é fundamentalmente sobre música. O U2 refaz ou desfaz algumas das suas mais importantes canções muito para tentar provar a si mesmos que fizeram música de gente grande. O próprio Bono explica: "Existe uma parte meio egoísta desse projeto. Queríamos ouvir nossas próprias músicas novamente, quase como se fosse a primeira vez. E a questão de saber se eles poderiam sobreviver sem o poder de fogo de uma grande e velha banda de rock com força total, não sabíamos a resposta para isso", diz. •

VIOLÊNCIA NO BRASIL

desafio das periferias

Disponível no site da Fundação Perseu Abramo

<https://fpabramo.org.br/publicacoes/estante/violencia-no-brasil-desafio-das-periferias/>

Organização

Felipe da Silva Freitas

Amanda Pimentel | Artur Henrique dos Santos | Bruno Langeani | Dandara Tonantzin Silva Castro | Danilo Sales do Nascimento | Dudu Ribeiro | Felipe da Silva Freitas | Gustavo Queiroz | Jackeline Aparecida Ferreira Romio | Juliana Borges da Silva | Juliana Gonçalves | Maíra de Deus Brito | Pablo Nunes | Paulo César Ramos | Poliana da Silva Ferreira | Ricardo Moura | Silvia Ramos | Sofia Helena Monteiro de Toledo Costa

RECONEXÃO
PERFERIAS

FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

III CAMINHADA DO SILÊNCIO

Pelas vítimas
de violência
do Estado

Em "descomemoração"
do golpe militar
de 1964

**PARA
QUE
NÃO
SE
ESQUEÇA**

**PARA
QUE
NÃO
CONTINUE
ACONTECENDO**



Realização:

**movimento
vozes do silêncio**

NM
NÚCLEO MEMÓRIA



Apoio:

**CIDADE DE
SÃO PAULO**
DIREITOS HUMANOS
E CIDADANIA

**02.04
15h**

**PARQUE
DO
IBIRAPUERA**

Ponto de encontro: Praça da Paz
Acesso pelos portões 7 e 8
Av. República do Líbano